



Arte como janela: as relações entre arte, sociedade e cotidiano.

Sarah Púmilla Rodrigues O. Pereira

Arte como janela: as relações entre arte, sociedade e cotidiano.

por **Sarah Púmilla Rodrigues Oliveira Pereira**

Comunicação Visual Design UFRJ

Orientação Julie Pires



Agradecimentos

A meus pais, Sandro e Sueli, que tanto me ensinaram e batalharam para que eu tivesse a oportunidade de chegar até aqui, e que são exemplo de humildade, perseverança, trabalho e amor.

À minha irmã, Rebeca, que veio depois de mim carregando o equilíbrio e sabedoria que às vezes me faltam, e de quem já me orgulho sabendo das grandes coisas que vai conquistar.

Às minhas amigas Elisa Keiko e Gabrielle, que estiveram comigo desde a infância e, mesmo de longe, acompanharam meu crescimento e foram certeza de amor e conforto nas voltas para a casa.

Aos amigos que me acolheram no Rio de Janeiro e se tornaram porto seguro: Marcela, Mirna, Renata, Raíssa, Taynara, Lucas e Thomás. Me orgulho muito em tê-los comigo.

A todos os amigos que me rodeiam e foram fonte de alegria e carinho ao longo desta trajetória, pela parceria e projetos que fizemos (e ainda faremos) juntos.

A meu melhor amigo e namorado, Rodolfo, por seu apoio incondicional nos momentos de alegria e superação de desafios, que encerra ao mesmo tempo que eu este ciclo da faculdade: conseguimos.

A todas as pessoas que me ajudaram na busca de locais para a realização das pesquisas e àquelas que me receberam com tanto amor e arte, em especial, às professoras Glayne e Camila Mendes; meu amigo Pedro Henry; à Alba e Leila Fardim; à minha querida amiga

Clarissa Duarte, que me apresentou amigos que agora também são meus. Agradeço, também, a cada participante das atividades por tornarem esse projeto possível.

À toda equipe do Museu de Arte do Rio, primeiramente pela amizade e convivência que me traz tantas saudades, e também por todo aprendizado e vivências que me levaram a iniciar esta pesquisa, em especial à educadora Priscilla Sousa, que me concedeu seu tempo e conhecimentos. O MAR vive e viverá!

À minha orientadora, Julie, por sua paciência, conselhos e por se alegrar com minhas conquistas. Este trabalho não seria o mesmo sem seu toque e carinho.

A meu professor de artes, Guilherme, que, mesmo sem saber, já na época da escola trilhou meus pensamentos acadêmicos pelos caminhos da arte.

Aos professores e funcionários da UFRJ que me acompanharam durante minha formação e me trouxeram ensinamentos que vão muito além das salas de aula e mostram a importância da educação pública na transformação do indivíduo e da sociedade.

À Katia, por toda a ajuda e amizade na UFRJ.

À UFRJ, minha verdadeira casa por tanto tempo, onde eu ia em busca de conforto e familiaridade. Cada memória que tenho me traz a certeza de que esses anos me tornaram uma pessoa melhor.

Resumo

RODRIGUES, Sarah.

Arte como janela: as relações entre arte sociedade e cotidiano.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Visual Design) Escola de Belas Artes – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019

As artes visuais, desde a antiguidade, representam formas de viver, sentir e observar o mundo. Com a evolução das sociedades, as relações entre gente e arte se transformam a cada dia, nem sempre por caminhos que levam à convergência. Este projeto, por meio do design, ressalta as artes visuais como lugar de expressão, diálogo e aprendizado junto à sociedade. Como forma de entender e explorar estes temas, desenvolveram-se pesquisas históricas no campo da História da Arte e da educação. Para fundamentar os aprendizados teóricos, o projeto baseia-se em interações com públicos - social ou fisicamente afastados das discussões artísticas - por meio da atividade prático-teórica Arte do Dia a Dia: um espaço de aproximação entre arte e o cotidiano comum por meio do desenho e experimentação. Após o desenvolvimento prático, as questões, resultados e diálogos gerados foram transportados para um objeto físico como forma de registro e continuidade do projeto com novos públicos.

Palavras chave: Arte, Sociedade, Educação, Mediação, Cotidiano, Socialização.

Abstract

RODRIGUES, Sarah.

Art as a window: the relations between art, society and daily life.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Visual Design) Escola de Belas Artes – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019

Visual Arts have represented our ways to live, feel and see the world ever since antiquity. With the evolution of societies, the relation between people and art keeps transforming themselves every day, not always through ways that lead to convergence. This project highlights visual arts as a place of expression, dialogue and learning along with society. To understand and explore these themes, historical researches were made in the fields of Art History and education. To support the theoretical learning, the project is based on interactions with the public - people socially or physically distant from art discussions - through an activity named Day-to-Day Art: a space of approximation between art and our ordinary daily life using drawing and experimentation. After the practical development, the questions, results and dialogues that were created transformed into a physical object as a way to register e continue the project with new publics.

Key words: Art, Society, Education, Mediation, Daily life, Socialization.

INTRODUÇÃO	6	PARTE 3: OS RESULTADOS	36
PARTE 1: OS CONCEITOS	8	CAPÍTULO 4: JANELA	37
CAPÍTULO 1: ARTE E SOCIEDADE	9	4.1 A caixa	37
1.1. Das imagens mágicas às imagens contemporâneas	9	4.2 Arte Por Que?	38
1.2. Nos limites da Era da Arte: a Arte Contemporânea	12	4.3 A exposição itinerante	39
1.3. Acessibilidade à Arte Contemporânea	14	4.4. Os kits	39
CAPÍTULO 2: ARTE: JANELA DE APRENDIZADO E DISCUSSÃO	16	4.5 A Construção	40
2.1. Todos são artistas? A arte-educação	16	4.5.1 A caixa	40
2.2. Fazer como estímulo para o (auto)conhecimento	18	4.5.2 A publicação	44
2.3. O processo educativo no MAR	19	4.5.3 A exposição itinerante	48
PARTE 2: A METODOLOGIA	22	4.6 Resultado final: a Janela	49
CAPÍTULO 3: SOCIALIZAÇÃO DA ARTE	23	CONCLUSÃO	63
3.1. Motivações	23	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
3.2. A metodologia aplicada	25	LISTA DE FIGURAS	65
3.2.1. Cotidiano em foco	26	REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS	67
3.2.2. O desenho como forma de expressão	28	ANEXOS	
3.2.3. Os materiais escolhidos	29	Anexo 1: Arte do Dia a Dia: roteiro e exercícios	68
3.3. Os resultados (in)esperados	30	Anexo 2: Arte do Dia a Dia: Atividade do dia 12/09	70
3.4. A aplicação da oficina	31	Anexo 3: Arte do Dia a Dia: Atividade do dia 14/09	73
3.4.1 Diálogos	31	Anexo 4: Arte do Dia a Dia: Atividade do dia 29/09	75
3.4.2 Criação	32	Anexo 5: Todo Dia	77
3.4.3 Conclusões após as atividades	35		

Introdução

“A arte é a rainha de todas as ciências, comunicando conhecimento a todas as gerações do mundo”. Esta definição de Leonardo da Vinci, do século XVI, já notava a importância do saber artístico em sociedade como forma de aprendizado e comunicação. Desde a época de Da Vinci, o que conhecemos como “arte” passou por diferentes fases e técnicas, mas sua definição ainda é válida.

Minhas experimentações com arte começaram cedo com incentivo de meus pais; o desenho, o olhar curioso e criativo, a busca pelos detalhes e a inquietação sempre foram parte de minha forma de observar o mundo. Na escola - para muitos e para mim, o primeiro local de contato com a arte - nos primeiros anos, a aula de artes era como um “intervalo”: não reprovava e quase nunca tinha provas avaliativas. Embora eu sempre tenha me interessado pelos conteúdos, foi no Ensino Médio, quando a História da Arte entrou no programa, que tudo se encaixou: como me interessava entender os pensamentos de pessoas que viveram em meio a revoluções e guerras e ver toda essa história traduzida em imagens! Meu professor da disciplina explicava o significado de cada elemento nas obras e eu me sentia descobridora de um mundo totalmente novo. Entretanto, não havia incentivo para criar ou exercitar de forma prática o conhecimento adquirido; para aqueles que não se sentiam estimulados pela explicação teórica, o pensamento artístico simplesmente se perdia.

Ao pensar sobre as relações entre arte e sociedade, de volta à fala de Da Vinci e às minhas vivências, acredito que o contato artístico proporciona aprendizados importantes, independente da aplicação que se dá a eles na vida individual. Esta crença me instiga a pensar sobre o acesso ao conhecimento: se, em minha boa escola, a discussão de arte pouco cativava atenção da maioria, qual seria o repertório de outros moradores de minha cidade, em Minas Gerais? Uma cidade sem museus de arte e, na época, com uma só sala de cinema...

Entretanto, ao me mudar para o Rio de Janeiro, notei que o problema não é a proximidade física, mas a social. Uma cidade cheia de arte - museus famosos, berço de artistas, palco de tantas manifestações visuais - onde os espaços e discussões sobre ela não abraçam a todos. De dentro da Escola de Belas Artes, uma produção visual efervescente; de fora dela, é visível o quanto esta produção e conhecimento não alcançam a sociedade como todo.

O consumo e acesso à arte é geralmente elitizado. Após chegar a esta conclusão, em muitos momentos de minha formação me vi confrontada por ela. Porém, dentre todas as experiências que me levaram a pensar a arte em sociedade, a mais significativa foi meu estágio no Museu de Arte do Rio, em 2018. Lá estava eu, dentro de um museu: dentro do sistema que julgava elitista, no centro dessa

roda. Mas eu não era a única a pensar as questões sociais daquele espaço... O MAR é conhecido por ter um vasto programa de educação por meio da arte e de incentivar o organismo museu-território, respeitando e construindo o espaço em conjunto com os moradores da região; e que região: a área portuária do Rio, lar da primeira favela da cidade, pulsante de gente, de história, de criação e de arte. Pude ver o museu dialogar com uma população vista por muitos como “marginal”; integrá-la e ser integrado por ela, difundindo pensamentos artísticos.

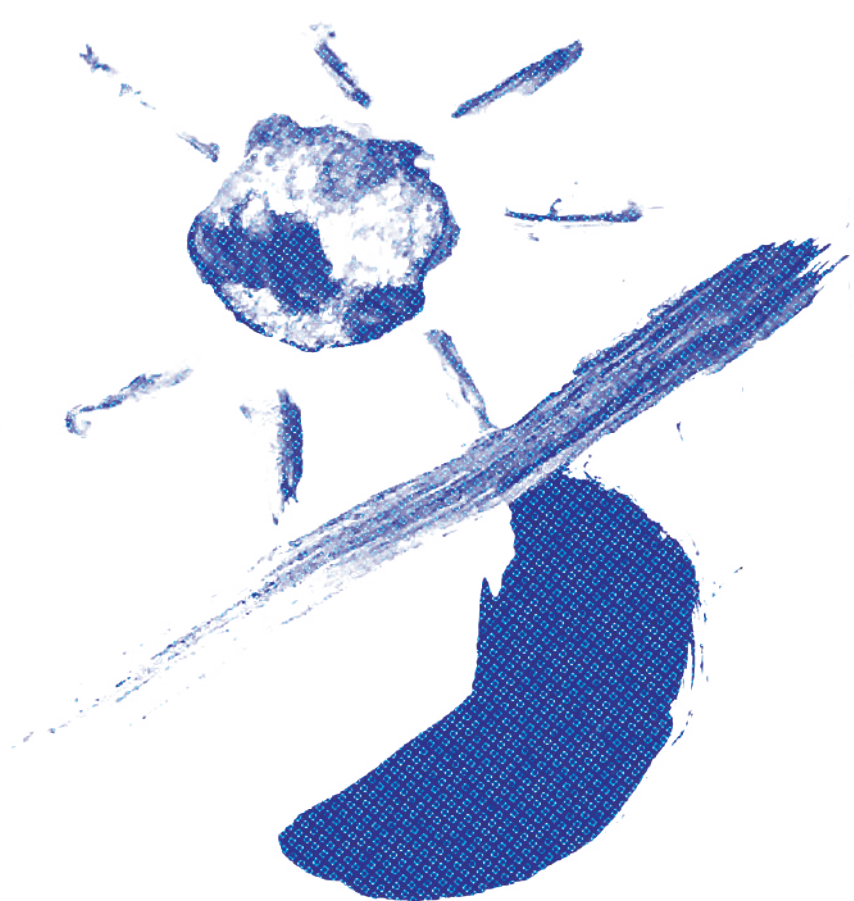
Os diálogos vividos no MAR e em minhas experiências acadêmicas me tocam a pensar este projeto como “socialização da arte”, termo citado na obra de Aracy Amaral. Para isso, desenvolvi a “Arte do Dia a Dia”: atividade teórico-prática voltada para públicos com acesso ou informação limitados à produção e pensamento artísticos, seja este público formado por profissionais de outras áreas ou pessoas socialmente afastadas destes espaços. Nesta atividade, aproximei o cotidiano dos diálogos da arte para mostrar como seu incentivo pode aguçar a criatividade, a liberdade do olhar e o aprendizado.

Para embasar a pesquisa histórica a respeito da arte e sociedade, utilizo os autores Arthur Danto e Hans Belting, além de Paulo Freire e João Duarte Júnior para os estudos de arte no âmbito da educação. Para a realização da prática junto ao público, fiz leituras de Aracy

Amaral e me aprofundi nas questões de mediação da arte, com as autoras Rejane Coutinho e Gabriela Aidar, além de uma conversa com a educadora do Museu de Arte do Rio, Priscilla Souza.

Após o desenvolvimento prático e observação dos resultados da atividade, transformei-a em um objeto: transportável, informativo e curioso. Desta forma, mais que um registro das experiências geradas com a atividade Arte do Dia a Dia, pude torná-la algo vivo. Com esta pesquisa e as atividades práticas desenvolvidas, meu objetivo é aproximar cada vez mais pessoas de ações de socialização da arte.

parte 1_ os conceitos



Minha percepção acerca da arte em sociedade foi o ponto inicial para o desenvolvimento deste trabalho; o projeto de socialização da arte exigiu pesquisa de autores, educadores e artistas envolvidos com Arte Contemporânea e História da Arte.

No campo histórico, busquei entender quais as mudanças ocorridas na arte e na sua relação com a sociedade através dos anos, desde o período no qual a “arte”, definida desta forma, ainda não existia. Esse conhecimento foi fundamental para enxergar as origens do comportamento observado por mim atualmente.

A Arte Contemporânea foi pesquisada como ruptura no mundo da arte: uma nova forma de enxergar e produzir obras. Na pesquisa, busquei entender como essa ruptura pode ser usada entendida no sentido de proporcionar uma aproximação com a arte, em vez de maior distanciamento.

Também são abordados os conceitos de arte-educação e educação através da arte, que são base para minha teoria do envolvimento da arte no aprendizado e desenvolvimento do indivíduo. Busquei por autores e educadores, inclusive no Museu de Arte do Rio, os quais trouxeram as informações que se tornaram essenciais para meu projeto prático junto ao público alvo do projeto.

Capítulo 1

Arte e sociedade

Representações imagéticas - que, hoje, reconhecemos como arte - já foram cruciais para o desenvolvimento das sociedades, base para suas crenças e formas de comunicação. Historicamente, a, então, arte configurou muitos papéis nos meios sociais, mas que se distanciaram gradativamente da relação próxima e acessível a todos os indivíduos.

Num âmbito geral, nota-se que a história da arte foi marcada pela ascensão e dominação cultural das elites que se tornaram público majoritário de produções artísticas modernas, aquelas que foram trazidas da Europa para o Brasil e que, aqui, também instalaram sua hierarquia social de origem, chamada por Dufrenne de “elitismo do bom gosto” (apud AMARAL, 1987, p.8), que, mais tarde, se segmentaria dando origem ao que se chama arte erudita.

Mas o que levou a esse afastamento da arte dos alicerces sociais? De que forma o pensamento e o criar artístico podem atuar na sociedade como forma de estar no mundo e não como meros estímulos estéticos acessados por uma minoria? Para entender estas questões devemos analisar a trajetória das imagens até seu reconhecimento como arte, a construção e desconstrução de seus significados e o entendimento do processo artístico como meio de expressão social e de conhecimento.

1.1. Das imagens mágicas às imagens contemporâneas

A criação das imagens, antes de ser classificada como arte, sempre foi usada em sociedade para algum fim; as pinturas rupestres, por exemplo, feitas por povos da antiguidade que, mesmo não sendo politicamente organizados, já usavam a representação pictórica com intenção quase mágica, em rituais e crenças comuns (FARTHING, 2011). Ao longo da história, a produção visual sempre esteve presente no cotidiano social, especialmente por ser quase sempre uma atividade financiada pela elite local para exaltar suas conquistas ou atender aos seus interesses junto ao povo. No Egito antigo, as representações do Faraó registravam sua divindade, assim como as crenças sobre o Juízo Final e os deuses eram narradas por meio de grandes murais pintados pela técnica de afresco¹.

¹ Arte ou método de pintura mural que consiste em aplicar cores diluídas em água sobre um revestimento de argamassa ainda fresco, de modo a facilitar o embeбimento da tinta.



Figura 1.

Pintura em Deir el-Bahari, complexo de sepulturas e templos mortuários (Luxor, Egito).

Figura 2.

Pintura rupestre na caverna de Altamira, perto de Santillana del Mar, Cantábria, Espanha.



² O Feudalismo foi um sistema econômico, político e social que se fundamentava sobre a propriedade da terra, cedida pelo senhor feudal ao vassalo em troca de serviços mútuos e que caracteriza a sociedade feudal.

A Igreja Católica foi, durante a Idade Média, a maior possuidora de terras deste período.

Outro importante exemplo desta força social da arte está na Idade Média, com as imagens sacras financiadas pela grande senhora feudal européia², a Igreja Católica. Estas imagens poderiam ter dois sentidos: o sentido da imagem como texto - com a finalidade de narrar os ensinamentos religiosos para os povos em um tempo onde pouquíssimos eram alfabetizados - e a imagem como objeto de adoração e veneração. O papel dessas imagens era importante num âmbito social, não apenas religioso, uma vez que a religião na época era uma (ou a única) realidade essencial para todo indivíduo, ou seja, as pessoas se expressavam na religião e por meio dela. (BELTING, 2010)

Essas representações, porém, vêm antes do que se conhece como “Era da Arte”, ou seja, não que chamá-las como “arte sacra” seja um erro, mas o fato de serem obras de arte não fazia parte de sua produção, já que o papel que desempenhavam na vida das pessoas era diferente do que se conhece hoje como papel da arte, conceito que

não existia na consciência social e que apresenta preocupações estéticas surgidas e teorizadas posteriormente (DANTO, 2006). Além disso, nem mesmo os produtores daquelas imagens eram entendidos como artistas; a assinatura das obras não era comum, uma vez que o papel da representação era a adoração e não a divulgação de um estilo estético ou do nome de um artista.

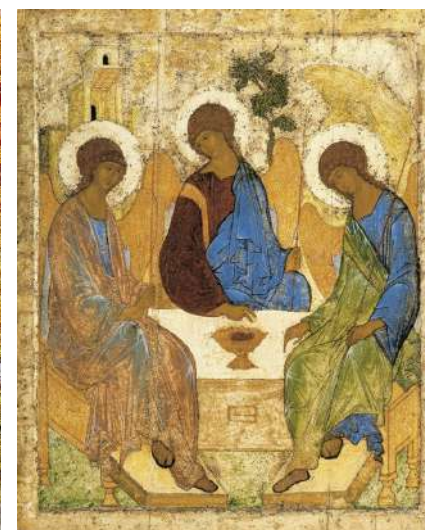


Figura 3.

Mosaico bizantino de Maria em Hagia Sophia.

Figura 4.

Solenidade da Santíssima Trindade, André Rublev (1410).

É no Renascimento, iniciado em meados do século XIV, que esse panorama das imagens começa a mudar. Os temas tratados já não eram mais estritamente religiosos, e, mesmo que fossem, já mostravam uma grande preocupação estética, retomando as noções de equilíbrio e representação da antiga arte grega. Esse movimento se deu em plena crise do modelo medieval, na qual a Igreja perdia a força hegemônica que costumava deter:

“A arte, como é estudada hoje na disciplina História da Arte, existiu tanto na Idade Média como depois. Entretanto, após a Idade Média, ela assumiu um novo significado, passando a ser reconhecida como tal – a arte inventada por um famoso artista e definida por uma teoria apropriada.” (BELTING, 2010, prefácio, p. XXIII)

Surgem escolas artísticas, mestres e discípulos, que se reuniam para discutir e teorizar a produção das imagens, assim como sua forma estética de representação. Neste momento, os artistas passam a ter destaque e notoriedade, deixando suas assinaturas e marcas estilísticas nas obras. Estas novas premissas da produção e criação caracterizam as imagens artísticas, enquanto que as imagens ditas não artísticas eram aquelas criadas para fins unicamente religiosos (BELTING, 2010).

Figura 5.

A Escola de Atenas, Sanzio, Rafael (1511).



Já na origem do surgimento do conceito de arte se notava que o caráter que a definia era a possibilidade de interpretar a obra segundo a intenção do artista, ou seja, a imagem artística não é apenas literal, mas carregada da imaginação de quem a criou; segundo Belting, “com sua referência dupla à imitação (da natureza) e à imaginação (do artista), a nova imagem exigia uma compreensão da arte.” (BELTING, 2010, p. 593). Neste momento, as imagens não representam apenas temas intrínsecos à vida em sociedade, mas temas escolhidos de acordo com a intenção do artista e sua subjetividade, ou seja, a arte deixa de ser uma forma de comunicação direta com a comunidade em geral.

Anos depois, já na Revolução Industrial (iniciada em meados de 1760), esta ruptura da função social da arte se intensificou. O surgimento de máquinas e meios automatizados de produção gerou um movimento nos artistas que passaram a produzir sem a preocupação funcional de suas obras, diferente de um momento anterior, no qual o artista pensava sua arte ou artesanato como objeto comercializável. Neste momento, surgem grupos que defendem o uso da arte sem função como única forma de representação do “belo”, por acreditarem que a colocação da arte como discussão social servia aos interesses da burguesia, criticada por eles (AMARAL, 1987). Esse pensamento gera um afastamento ainda maior do olhar comum para a arte, o que, paradoxalmente, favorecia a elite vigente, uma vez que aqueles que poderiam usar a representação artística como forma de expressão e mudança social não tinham acesso à sua linguagem.

Durante o Modernismo³, o fazer artístico também esteve fortemente relacionado à elite e aos conceitos formais de criação. Com a ruptura causada, posteriormente, pela arte Contemporânea, a sub-

³ Série de movimentos artísticos e literários surgidos no fim do século XIX que buscaram examinar e desconstruir os sistemas estéticos da arte tradicional.

jetividade artística atinge seu ponto mais complexo, uma vez que as obras de arte agora não são apenas pinturas ou esculturas, mas podem ser qualquer coisa; “não há nenhuma limitação a priori de como as obras de arte devem parecer - elas podem assumir a aparência de qualquer coisa” (DANTO, 2006, p.19).

Nota-se, então, que o vínculo social que as imagens possuíam na antiguidade até a Idade Média se rompeu gradativamente com a chegada da chamada “Era da Arte”. O caráter filosófico e teórico da agora chamada arte criou uma limitação ao acesso, que ficou restrito àqueles que detêm conhecimentos específicos e são capazes de “interpretar” as obras. Não que pessoas que não possuem o conhecimento artístico aguçado sejam incapazes de interpretar ou apreciar uma obra, mas o afastamento dessas obras dos espaços sociais de discussão gera nessas pessoas a impressão de que sua interpretação não é válida. Logo, o afastamento social da arte vem tornando seu discurso artista-público em uma relação artista-elite, processo iniciado na Era Moderna e que predominou na arte europeia, posteriormente trazida para o Brasil. O mesmo raciocínio funciona para a produção de arte: ser artista nos moldes criados pós-Renascimento torna-se uma relação de status (AMARAL, 1987), dependente não apenas de habilidades específicas, mas também do reconhecimento das figuras que detêm o “saber” artístico - críticos, mestres, museus e galerias.

1.2. Nos limites da Era da Arte: a Arte Contemporânea

Após adentrarmos a Era da Arte, nota-se que história da Arte Visual é marcada por uma série de diferentes motivos formais, onde, em

cada momento, a arte apresentava características que auxiliavam na sua identificação e classificação dentro de um movimento ou corrente ideológica. No Modernismo, período estilístico iniciado no fim do século XIX, que abrange movimentos de vanguarda como o Cubismo e Expressionismo, observa-se o ápice da preocupação com a forma, superfície, pigmento e outras coisas capazes de definir uma pintura ou uma escultura, que se limitavam a levantar a questão: “O que é que eu tenho e que nenhum outro tipo de arte pode ter?” (DANTO, 2006, p.18). Além disso, os movimentos modernistas tinham a intenção de romper com a arte feita no passado, mostrar sempre algo totalmente novo e libertar-se.



Figura 6.

A Estrada de Ferro Central do Brasil, Tarsila do Amaral (1924).

Figura 7.

The Croquet Game, Édouard Manet (1873).



A chamada Arte Contemporânea não denomina simplesmente a arte que é feita no espaço temporal do agora; esse nome caracteriza uma ruptura com a História da Arte como era conhecida, ultrapassando um limite nunca traçado, mas existente. Segundo Danto, a confusão entre o que era chamado de Pós-Modernismo e o Contemporâneo, em sentido temporal e estilístico, levou-o a chamar a arte contemporânea de “arte pós histórica” (DANTO, 2006, p.15): tudo que nunca foi feito e hoje poderia ser. A arte desse momento, a partir da década de 60, deixa as formalidades estéticas e passa a ter um caráter mais filosófico, como na Arte Conceitual, onde nem sempre estava presente um objeto real em uma obra de arte visual; ou nas *Brillo Boxes*, de Andy Warhol, que não diferia em nada das muitas caixas de esponjas de sabão nos supermercados. Portanto a partir do momento que, visualmente, tudo poderia ser uma obra

de arte, para descobrir o que, de fato, é arte, seria preciso acessar a experiência sensível do pensamento, logo, a questão levantada por essa arte muda para: “Por que sou uma obra de arte?” (DANTO, 2006, p.17), e essa resposta é fundamental para que se caracterize a arte contemporânea e a separe de uma simples desordem de ideias:

“Assim, o contemporâneo é, de determinada perspectiva, um período de desordem informativa, uma condição de perfeita entropia estética. Mas é também um período de impecável liberdade estética.” (DANTO, 2006 p.15)



Figura 8.

Brillo Soap Pads Box, Andy Warhol (1964)

Figura 9.

Uma e Três Cadeiras, Joseph Kosuth (1965).



A figura do artista também sofreu mudanças ao longo desta história que, ao chegar ao “fim”, com a liberdade da arte Contemporânea, permite que ele se desprenda da busca estética para buscar a arte de quaisquer formas que queira, com uma finalidade ou não (DANTO, 2006). Essa mudança também influencia na análise da arte Contemporânea, uma vez que as obras se tornam janela do estilo artístico daquele indivíduo que a produz e isso assume a orientação para o consumo e entendimento da arte.

1.3. A acessibilidade à Arte Contemporânea

Mesmo no Modernismo, onde haviam estilos e “padrões” possíveis de serem observados, o acesso à arte se restringiu, também, majoritariamente às elites; as primeiras experimentações inovadoras já demonstravam temáticas que exigiam o conhecimento teórico e específico restrito aos artistas;

“toda essa discussão só era compartilhada por um restrito número de pessoas dentro do campo do mundo da arte. Para o grande público, mais uma vez, a incompreensão.” (VERGARA, 2018, 40)

No rompimento que culminou na Arte Contemporânea, este fator se agrava ainda mais: se o Contemporâneo representa a total liberdade de criação, sem um estilo ou regras pré-definidas, como explicá-lo, torná-lo acessível? Como permitir que aqueles que não têm uma formação artística interpretem uma obra? Como incluir a arte, novamente, no meio social?

A mediação artística é uma prática comum em museus e galerias para fazer a interlocução entre obra e espectador; segundo Rejane Coutinho, a produção artística torna-se cada vez mais íntima da mediação à medida que muitas obras têm, já em sua intenção primária, a necessidade de serem “explicadas” ao observador:

“A mediação pode ser uma instância intrínseca ao próprio processo artístico que se efetiva através de ações mediadas pelas e nas próprias obras. A virada educacional que se proclama desde este campo convoca artistas e público a refletir sobre a necessidade de mediação que se impôs ao campo da arte nas últimas décadas.” (COUTINHO, 2018, p.147)

Nota-se que, no Brasil, a atividade de interlocução entre arte e espectador está muito ligada com o conceito de tradução de conhecimentos artísticos para o visitante, para permitir que ele entenda a obra ou amplie seu repertório, com a intenção de formar ali um público para as artes. Logo, essas perspectivas assumem que o observador é um leigo e que não teria capacidade de compreender a produção artística sozinho (COUTINHO, 2018). Esta abordagem

pode tornar-se uma amarra à livre interpretação do visitante e à capacidade artística de gerar significados para cada espectador; na visão do arte-educador João Duarte Júnior, “a obra de arte, assim, não é para ser pensada, traduzida em palavras, e sim sentida, vivenciada”. (1994, p.60)

A arte é a concretização de sentimentos em uma forma, tornando possível sua percepção visual, ou seja, é uma forma de expressão e por isso depende de uma interpretação. Essa interpretação é dada pelo espectador, baseada não na experiência do artista ao criar a obra, mas em sua própria experiência (DUARTE JÚNIOR, 1994). Mesmo que não detenha todo conhecimento à respeito da produção artística em si, o observador pode contribuir nessa interpretação com seu olhar crítico baseado em vivências pessoais; ou seja, a acessibilidade à arte está ligada ao estímulo do espectador ao relacionar a mensagem da obra de arte a algo que lhe seja acessível e não pré-estabelecido e, por isso, racionalizado com um único “significado” possível.

Esta questão também passa, impreterivelmente, pelo campo social de desigualdade. Como observado desde a Idade Média até o surgimento da “Era da Arte”, também no Brasil, “arte” ainda é uma palavra carregada de peso elitizado. Segundo Paulo Freire, “um problema que temos com a arte é que ela é associada à classe social alta, enquanto a arte ‘pública’ é associada a lugares frequentados por pessoas de classes baixas” (FINKELPEARL, 2000, p. 288), ou seja, a arte considerada acessível ao povo não é a arte de modo geral, mas um recorte destinado a esse público, como se fosse estabelecido que o repertório exigido pela arte presente nos museus e galerias - Clássica, Moderna ou Contemporânea - gerasse a exclusão dessas pessoas.

Capítulo 2

Arte: janela de aprendizado e discussão

O conhecimento artístico não se refere apenas ao saber técnico sobre movimentos, estilos e materiais utilizados. Na contemporaneidade, ao observar uma obra de arte, mais importante que notar seu senso estético é entender seu potencial de gerar discussões e pensamentos. A atividade de mediação entre espectador e obra se dá com o objetivo de possibilitar essas experiências, como a construção ou reconstrução de identidades, experiências com ênfase em processo de subjetivação, exploração dos sentidos de coletividade ou princípios de cidadania (COUTINHO, 2018); ou seja, a arte pode ser ponto de partida para gerar ideias e conhecer mais do mundo e das interações humanas.

Estas discussões podem ocorrer espontaneamente em meio aos observadores de uma obra ou por meio do incentivo de um mediador, que tem como função a aproximação dos espectadores, mostrando a eles que, independente de seu nível de conhecimento artístico, podem interpretar e gerar ideias a partir da observação daquela obra.

Segundo Paulo Freire, o potencial de discussão da arte está presente mesmo que essa não seja a intenção primária do artista, uma vez que ele é um ser social (apud FINKELPEARL, 2000). A discussão pode trazer o contexto da obra para o cotidiano dos observadores, tornando possíveis reflexões: “Eu posso mostrar esse trabalho para um grupo de trabalhadores, e nós podemos discuti-lo” (apud

FINKELPEARL, 2000, p.287). Este conceito está ligado, também, ao ato da mediação, que propõe estas discussões entre espectador e obras de forma a conectá-los pela observação crítica e aproximação com o mundo real do observador.

Uma obra também é janela para os estilos, costumes e modos de pensar da época na qual foi realizada. Isto torna possível o estudo histórico através da arte, que pode, inclusive, ser o único registro físico deixado por civilizações e povos. Esse estudo pode ser realizado a partir das pinturas rupestres da antiguidade, das cerâmicas e pinturas egípcias e das estátuas gregas, por exemplo. Além das informações históricas, por meio da observação da arte, o observador é convidado a sensações e experiências que não estão em sua vivência, mas que podem trazer questionamentos acerca de situações novas e abrir seus horizontes de estudo e entendimento. Segundo Duarte Júnior:

“Quando (...) frente às telas de Portinari, sinto a tragédia dos Retirantes, descubro meus sentimentos frente a ações (ainda) não vividas por mim, que não me são sensíveis em meu dia-a-dia” (1994, p. 68).

2.2. A arte-educação

Se a arte é um meio de expressar sensações e sentimentos humanos e, através de sua observação, qualquer pessoa pode chegar a entendimentos sobre o mundo e si mesma - ou seja, a arte também é capaz de gerar aprendizado - seria possível falar arte é acessível a todos; mas, no cotidiano, isso não se põe em prática devido à falta de incentivo e informação.

A escola é o espaço onde acontecem as primeiras experiências de aprendizado formal e, para muitos, o primeiro contato com a arte. Os moldes de ensino da arte são, até hoje, orientados por teorias que remetem às antigas Roma e Grécia. Dentre as atividades realizadas pelas classes dominantes - aquelas que eram livres, e não servis - estavam a *Scholê* (para os gregos) e *Otium* (para os romanos): “elas constituíam um complexo sistema espacial, temporal e simbólico das experiências e práticas intelectuais, meditativas e recreativas para o corpo e para a mente” (DARRAS, 2009, p. 6), ou seja, eram tempos reservados à atividade de pensar, cultivar a sabedoria e a contemplação. Deste modo, o ensino destinado a estas pessoas tinha como objetivo preparar e capacitá-las para exercer o *Scholê* ou *Otium*. O impacto deste ideal de aprendizado pode ser observado na definição dos programas escolares contemporâneos, onde o próprio nome para a instituição de ensino deriva dele [*scholê*]: *School* em inglês, *Scola* em italiano, *École* em francês, *Schüle* em alemão, *Escola* em português.

Quanto à arte nesse contexto, é preciso ressaltar, porém, que, nas antigas Grécia e Roma, apenas a arte produzida pelos cidadãos livres era considerada expressão verdadeira, enquanto aquela feita sob encomenda pelos artesãos (servos, não-livres) não era vista como expressão artística que merecesse ser ensinada. Essa visão se desfez ao longo da história da arte, principalmente no Renascimento. A inserção da arte no currículo escolar, desconsiderando esta divergência greco-romana entre artista/artesão, ainda segue muito do ideal de *Scholê*, uma vez que tem como objetivo levar o estudante a pensar, refletir, e alcançar saberes através da contemplação. A educação por meio da arte, termo criado por Herbert Read em 1943 (DUARTE JÚNIOR, 1994), tem como objetivo, justamente, teorizar e incentivar esse uso da arte na escola para disseminar

informação. Segundo esta teoria, a educação recebida nas escolas é incompleta devido ao seu alto grau de racionalidade, que dificulta o aprendizado, pois “aprender é um processo que mobiliza tanto os significados, os símbolos, quando os sentimentos, as experiências a que eles se referem” (DUARTE JÚNIOR, 1994, p.25).

O racionalismo puro impede que o indivíduo entenda um assunto de forma completa e plena de acordo com suas questões pessoais ou culturais, ou seja, um ensino racional mostra apenas uma perspectiva da situação, dada como “correta”, e que, mesmo que não se aplique às vivências de cada estudante, não deve ser questionada. Porém, sendo impossível que o ser humano enxergue situações de forma totalmente racional, suas experiências e sentimentos não devem ser desconsiderados em sua educação. A linearidade das ciências não é capaz de abranger estas questões, logo, a arte vem como forma de explorar o conhecimento por meio de outras formas de expressão (DUARTE JÚNIOR, 1994), tornando o estudante mais sensível ao que ocorre no mundo ao seu redor e fornecendo-lhe tempo de contemplação e desenvolvimento do pensar.

Ao traçar um paralelo entre artes visuais com a linguagem escrita e a visão escolar do aprendizado, é válido reconhecer que o incentivo à escrita é muito maior que o incentivo à representação visual. Mesmo que não tenha interesse futuro em atuar em áreas linguísticas ou humanas, todo estudante aprende e é incentivado a produzir os diferentes modos do texto, inclusive a poesia, pois reconhece-se que esse saber será útil, mesmo que no desempenho de atividades diversas. Em contrapartida, os desenvolvimentos visual e artístico não são vistos como formadores de aprendizados interdisciplinares, embora o sejam, e costumemente são incentivados apenas àqueles que têm real interesse em aprofundar-se na área. Para

aqueles que têm nas escolas o primeiro contato com arte, esta seleção e falta de incentivo ao pensamento artístico forma, desde a infância, uma mentalidade excludente a respeito da produção e consumo de arte.

2.1. Fazer como estímulo para o (auto)conhecimento

A arte não é mero estímulo estético; é uma forma de expressão da subjetividade humana, dos sentimentos e forma de traduzir o mundo ao redor (DUARTE JÚNIOR, 1994). Embora os atuantes nesta área sejam chamados “artistas” e, muitas vezes, colocados em uma posição de disparidade por aqueles que não estudam a teoria da área, a expressão e percepção dos estímulos emocionais são intrínsecos ao ser humano; “a colocação humana no mundo é, primeiramente, emocional, sensitiva; a razão (o pensamento) é uma operação mental posterior” (DUARTE JÚNIOR, 1994, p.41). Deste modo, é possível pensar na produção de arte por qualquer pessoa, desde que transmita sua expressão por meio de características formais, que, na Arte Contemporânea, tornam-se fluidas, sem impor regras ou limites quanto à representação.

Fazer arte também depende de entender como se dá a “interpretação de arte” - toda peça é feita para ser observada e interpretada pelo espectador, e, embora ela possa direcionar o sentimento que deve ser provocado em quem a observa, o modo como ele será sentido e decodificado é dado singularmente por cada observador (DUARTE JÚNIOR, 1994). Ao criar esta consciência, o observador passa a entender-se, também, como capaz de produzir sentido em suas percepções sensíveis e de se identificar nas produções artísticas.

Além de estimular o auto-conhecimento sensível, o fazer artístico estimula a imaginação. Em um cenário estritamente racional, a utopia e a fantasia são desencorajadas, não têm valor. Porém, a imaginação é fundamental para o progresso do mundo e sociedade. Sem visualizar novas possibilidades além da situação em que vive, o homem está preso à realidade existente e fadado a conformar-se de acordo com as necessidades, em vez de enxergar meios de melhorar sua condição:

“A utopia, antes de ser a mera fantasia de loucos e poetas, é um fator fundamental na construção do mundo humano. Através de visões utópicas o homem desperta para outras realidades possíveis, diversas daquela em que ele está inserido.” (DUARTE JÚNIOR, 1994, p. 67)

Logo, o incentivo ao pensamento artístico que não passa pela experimentação do fazer é incompleto e não contempla todo o potencial de aprendizado contido nas artes visuais. O toque, o sentimento físico dos materiais e o processo criativo necessários para criar algo novo são, também, incentivos à imaginação e ao conhecimento de novas habilidades individuais.

2.3. O processo educativo no MAR

Os museus são locais de rico conhecimento artístico e espaços perfeitos para exercitar a observação e o aprendizado através da arte. O acesso a eles, porém, não é generalizado: segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apenas 21% das cidades brasileiras têm pelo menos um museu e essas se concentram, principalmente, nas regiões Sudeste e Sul (67% dos

museus do país). Segundo o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), dos 3.025 museus mapeados em seus dados, 53,4% são dedicados às artes visuais.

Sobre o real acesso a estas instituições, no âmbito nacional, uma pesquisa de 2007 (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA) apontou que 78% dos brasileiros nunca foram a museus, 83% destes eram pessoas das classes D e E. Este afastamento se dá tanto pela distância geográfica aos museus quanto pela cultural, que provém da falta de incentivo às artes e suas discussões igualmente por toda a esfera social. Segundo o IPEA, que realizou a pesquisa, “o acesso à cultura não é apenas sintoma de outras desigualdades, ele mesmo produz distâncias sociais e culturais” (AIDAR, 2018, p.44), ou seja, o afastamento, que é consequência da desigualdade, contribui para gerar mais desigualdade, criando um ciclo.

O Rio de Janeiro é a segunda colocada dentre as capitais com maior número de museus: são 124 instituições, segundo o Ibram. Assim como acontece no cenário nacional, devido ao processo de elitização da arte e de seus espaços, estes Museus não são ocupados por todas as camadas sociais cariocas, de modo geral. É neste ponto que se destacam iniciativas de aproximação entre Museu e população promovidas por meio da educação.

O Museu de Arte do Rio (MAR) foi fundado em 2013 e é formado pela ligação de dois edifícios: um deles abriga as exposições e o outro a Escola do Olhar, que tem como objetivo trazer discussões educativas para o meio das artes com cursos e atividades para o público. Além destas atividades da Escola, é a equipe de educação do Museu que atua como mediadora nas exposições visitadas.

A equipe de educação do MAR é multidisciplinar em todos os sentidos: são pesquisadores de diferentes áreas - não apenas das artes - e pessoas de diferentes vivências e características. Isso se deve à premissa de que as mediações devem gerar conhecimentos plurais para atender a todos os públicos de visitantes. A mediação propõe gerar um diálogo entre os olhares e a obra/exposição, e não julgar o que o público deve gostar ou entender; ela se dá no encontro entre as diferentes visões, questionamentos e ideias (SOUZA, 2019).



Figura 10.

O Museu de Arte do Rio, na Praça Mauá, Rio de Janeiro.

Ainda sobre o processo de mediação no MAR, os educadores criaram métodos de incentivar o aprendizado e os questionamentos artísticos por meio dos chamados “dispositivos artísticos pedagógicos”, que são métodos criados pela própria equipe e usados com os grupos para propor atividades. A linguagem utilizada na criação destes dispositivos está sempre alinhada às questões da Arte Con-

temporânea e uso dos objetos do cotidiano para criar novos significados e contextos (SOUZA, 2019). Estas atividades estão muito ligadas aos meus objetivos neste projeto - a aproximação prática entre gente e arte - e serviram como inspiração para o desenvolvimento de meus métodos de pesquisa e criação em conjunto com o público real.

Meu tempo como estagiária no MAR foi de grande importância para o desenvolvimento desta pesquisa, pois me proporcionou algumas das experiências que geraram os principais questionamentos que me impulsionam. O programa “Vizinhos do MAR” foi importante neste processo, por exemplo, pois propõe que os moradores próximos do Museu sejam parte de sua construção e identidade. Esse processo se torna interessante uma vez que o MAR se situa na região Portuária do Rio, vizinho do Morro da Providência - primeira favela carioca - rica em história e, ao mesmo tempo, com uma população socialmente afastada dos Museus da cidade (a própria construção do MAR foi questionada e alvo de protestos pelos moradores da região, que imaginavam que o espaço seria ocupado por pessoas de classes altas e que isso geraria, para eles, ainda mais exclusão e afastamento).

Após a criação do programa destinado aos vizinhos, porém, a opinião mudou. A população, antes sentindo-se excluída, faz parte do Museu e têm incentivos para ocupá-lo e discuti-lo. Foi deste programa que surgiu Tia Lúcia, mulher negra e de origem pobre, moradora do Morro do Pinto, que se descobriu artista após participar de atividades promovidas no MAR e passou a criar pinturas, desenhos, narrativas e outros objetos a partir de seu cotidiano. Antes, ela via os museus de forma diferente:

“A primeira vez que fui numa exposição foi sem querer. Eu era professora de catecismo. Quando eu voltava da missa da Candelária com as crianças elas escaparam e entraram no Centro Cultural Banco do Brasil. Eu tive que ir lá dentro buscar elas. Museu era coisa de rico, era muito difícil de entrar. Ficava aquela coisa grande e bonita, sem ninguém” (TIA LÚCIA apud MUSEU DE ARTE DO RIO, 2019, p. 12)

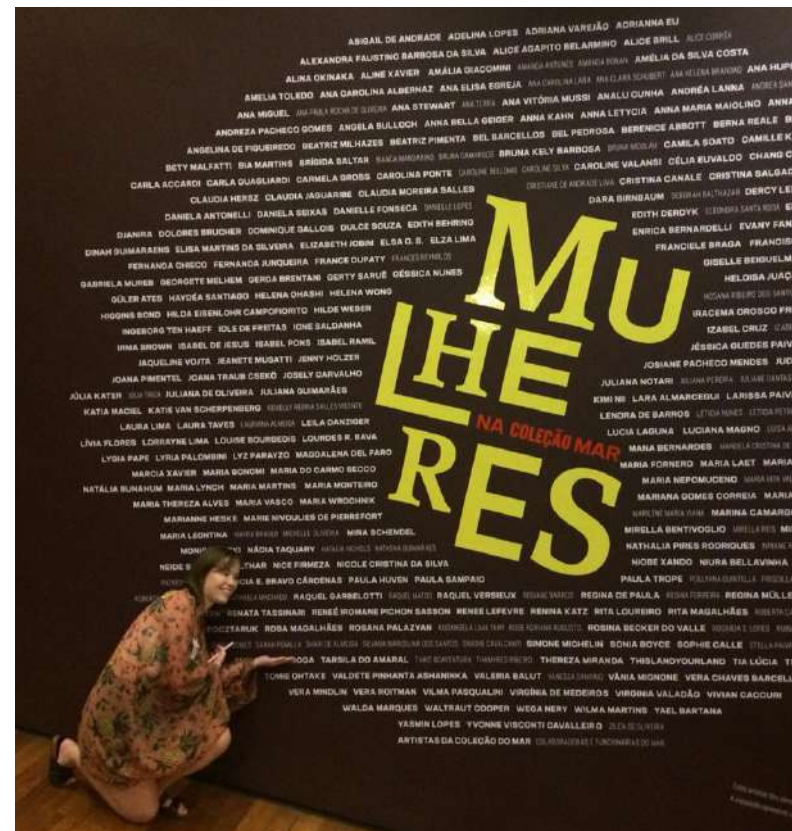


Figura 11.

Registro meu em frente à parede de entrada da exposição “Mulheres na Coleção MAR”, da qual participei de curadoria e desenvolvimento.

Além de conhecer artistas como Tia Lúcia, que surgiram do incentivo e aproximação entre público e as discussões artísticas, também participei de atividades que geraram outras reflexões a respeito da interpretação e vivências do público ao observar obras. Uma reunião com as funcionárias foi realizada com o intuito de envolvê-las na organização e curadoria de uma exposição que teria apenas obras de artistas mulheres. Nesta reunião, uma funcionária responsável mostrava obras que estariam presentes na exposição para que, em conjunto, se identificassem semelhanças e diferenças entre elas, e, assim, fosse criada uma narrativa.

Porém, era possível observar a diferença do olhar de acordo com as mulheres ali presentes. Enquanto as representantes de setores como Curadoria, Educação e Produção tendiam a interpretar as obras de forma técnica e impessoal - muitas vezes já familiarizadas com as artistas e seu senso estético - as responsáveis pela Limpeza, por exemplo, tinham um olhar social sobre as obras: teciam sua interpretação na busca pelo próprio cotidiano e sentimentos familiares nas imagens, sem ter o conhecimento prévio das artistas e suas intenções. Essa dualidade de perspectivas foi enriquecedora para o trabalho, uma vez que mostrou que aquelas que não viam a obra da forma "imaginada" pela autora, poderiam acrescentar à construção da interpretação com suas vivências pessoais.

Portanto, o processo educacional e inclusivo no MAR mostra que as discussões artísticas geram conhecimentos e diálogos enriquecedores para indivíduos e grupos, e que a aproximação entre público e arte por meio da mediação e prática artística impulsiona discussões e descobertas mútuas.

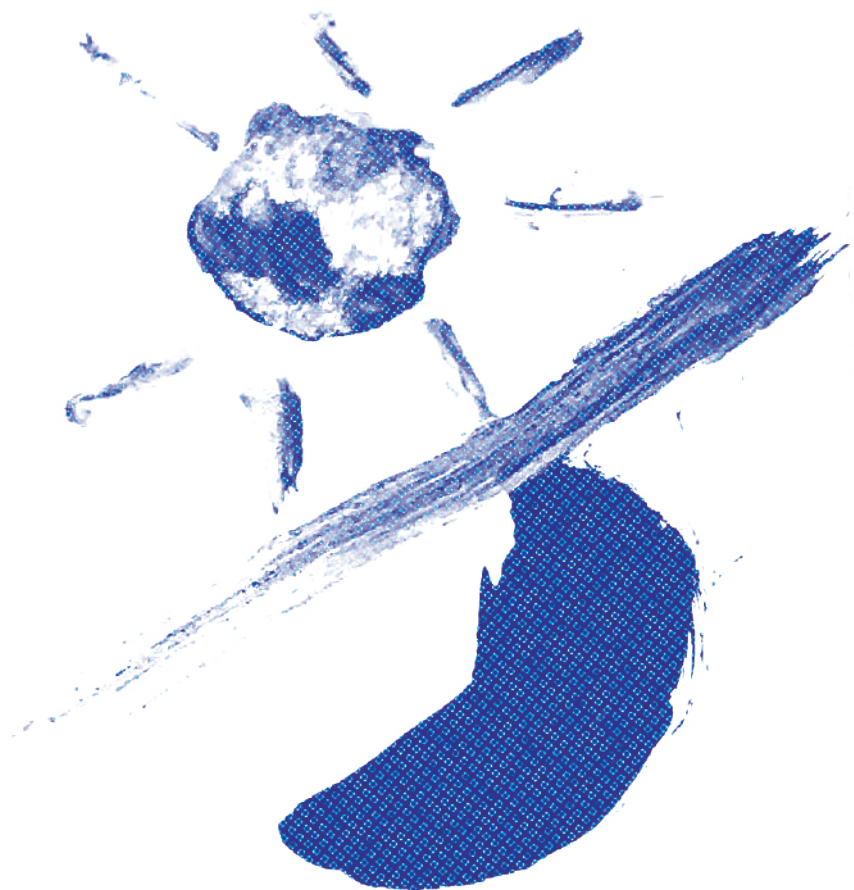


Figura 12.

Sem Título,
Tia Lúcia.

parte 2

metodologia



Com base nos estudos teóricos realizados, experiências prévias com a mediação e arte-educação e na vontade de extrapolar minha zona de conforto, o projeto se construiu ao redor de atividades teórico-práticas desenvolvidas com o objetivo de aproximar e socializar a arte. Seria impossível tratar deste assunto sozinha, sem ouvir e observar a visão de meu público-alvo a respeito do assunto.

Neste momento, então, explico sobre o desenvolvimento, motivações e conceitos que nortearam a criação da atividade Arte do Dia a Dia, sua metodologia e os resultados (in)esperados por mim.

Por fim, conto a experiência vivida ao realizar as atividades: minhas observações, aprendizados e entendimentos, assim como os depoimentos de participantes.

Capítulo 3

Socialização da arte

Ao observar as questões entre arte, espaço e público, são claras as diferenças de acesso, incentivo e aproximação das discussões artísticas na sociedade. Porém, por outro lado, é claro também que o a experiência do indivíduo com a arte como expressão e auto conhecimento gera desenvolvimento também coletivo, onde um indivíduo gera desenvolvimento também coletivo, onde um indivíduo pode mostrar, por meio do conhecimento artístico, a cultura e, até mesmo, os problemas de um grupo de pessoas ou um povo. Esse uso é abordado na obra “Arte para que?” da autora Aracy Amaral, que mostra exemplos de artistas que defendem a chamada “socialização da arte” (AMARAL, 1987, p.25) como forma de, após aprimorar o conhecimento individual, sensibilizar e conscientizar sobre os problemas coletivos. O processo de elitização do fazer artístico também é abordado na obra, que aponta uma solução:

“Na realidade, para escapar do elitismo vicioso representado pelos meios artísticos vinculados às classes dominantes, o único caminho parece ser, na realidade, o da ‘socialização da arte’, entendida como uma possibilidade de estender a muitos a oportunidade de se iniciarem no fazer artístico e, assim, estarem aptos a fruir do prazer estético diante da produção de arte.” (AMARAL, 1987, p.25)

Logo, decidi criar um espaço de socialização da arte e impulsionamento da imaginação, para permitir criação de conhecimento e exercício do olhar artístico dentro de cotidiano e vivências individuais. Neste espaço, não existiu uma relação professor-aluno ou artista-aprendiz; ao conduzir a atividade, eu estava em posição de

igualdade com os participantes, como mediadora do conhecimento, ou seja, usei uma abordagem não diretiva, para incentivar a livre observação, aprendizado e questionamento (meu e dos participantes) das obras e manifestações artísticas apresentadas (COUTINHO, 2018).

Neste espaço de conhecimento e observação, o objetivo foi gerar resultados que expressassem o aprendizado e que fossem, sobretudo, únicos e frutos de experiências significativas. O envolvimento de outras pessoas no projeto com uma atividade em grupo, gera um tipo de arte compartilhada, que, segundo Paulo Freire, é “uma arte na qual o processo e o produto são um só. Essa abordagem é essencialmente diferente dos trabalhos tradicionais, que são criados longe dos olhos dos espectadores – acabados e estáveis (...)” (apud FINKELPEARL, 2000, p.283). Este modo de produção me permitiu entender e me aproximar do público-alvo da minha pesquisa.

Ao impulsionar a produção de arte na prática, o objetivo não era apenas aguçar a percepção estética, nem tampouco criar artistas populares ou desenvolver um trabalho “culturalista” (AMARAL, 1987, p.26). Embora o foco estivesse no indivíduo e seu cotidiano, a atividade pretendeu aproximar pessoas do fazer artístico contemporâneo para quebrar barreiras estruturais e incorporar as artes plásticas em sua forma de percepção e registro do mundo, como forma de aprender, ensinar e se expressar.

3.1. Motivações

Com o objetivo de aproximar um determinado público da arte, poderia fazê-lo de muitas formas; a mais simples poderia ser uma

grande aula de educação artística pautada no viés da arte-educação. Porém, a criação da atividade prática veio da necessidade de ter contato real e físico com o fazer artístico para entender que ele não está longe de nós, como pensa o senso comum. Além disso, segundo Coutinho, ao propor a mediação de uma obra ou conjunto de obras, apenas falar e ouvir não é suficiente: “investimos na ideia de que tanto a compreensão da arte pelos públicos como pelos educadores também passa pela produção ou fazer artístico.” (COUTINHO, 2018, p.149).

O incentivo ao fazer artístico, então, não veio da vontade de revelar que todos são artistas mas que todos podem ser artistas: todos são capazes de compreender e desenvolver o processo de criação; trazer, não só o conhecimento teórico, mas o prático, para aproximar o participante do pensamento construtivo que leva à obra e torná-lo consciente de que sua produção também pode ser uma obra, principalmente ao pensar no viés contemporâneo da arte, com sua construção e desconstrução de sentidos; “Tornar a arte acessível a um público diversificado é torná-la ativa culturalmente.” (VERGARA, 2018, p.42)

Ao voltar ao Otium na educação romana, pode-se lembrar que era um momento de reflexão e pensamento, um momento de contemplação. Esse momento pode estar presente durante a observação de uma obra, por exemplo, mas acredito que, também, no seu processo de criação. Durante a criação plástica, seja por meio do desenho ou pintura, pensamos e refletimos muito, não somente acerca de questões externas, mas também internas. Olhamos para nós mesmos em busca da inspiração: a ideia que passará para o suporte. Com uma atividade que incentiva o fazer artístico, espero que cada um experimente o processo de criação de algo. Este expe-

rimentar é descrito por Jorge Bondía: algo impossível no dia-a-dia agitado, na pressa, na velocidade das coisas:

“A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.” (BONDÍA, 2002, p. 24)

Ou seja, para realmente ser tocado pelo fazer artístico, experimentá-lo de fato, é preciso parar e ouvir-se. A arte será provada, encontrada, e, somente por meio desta relação de atenção e verdade, será realmente experimentada. Desta forma, o ambiente onde aconteceu a atividade foi porta de entrada para um lugar seguro de experimentação, que permitia o encontro com outro e consigo mesmo, o silêncio e também a troca de conhecimentos.

O poder de transformação é componente primário do ato de experimentar (BONDÍA, 2002); se o objetivo da socialização da arte é gerar transformação individual e social, a verdadeira experiência do conhecimento e produção artística é fundamental para que ocorra mudança no modo de ver e pensar de cada participante. Uma aula onde o conhecimento é apenas ouvido não gera a oportunidade de imersão total e não convida os ouvintes a tocarem e serem tocados pelo que se ouve; em minha concepção da atividade coletiva,

além da audição, o tato foi sentido fundamental para a criação e entendimento dos materiais, suportes, texturas e dos estímulos que causam.

3.2. Metodologia aplicada: Arte do dia a dia

A atividade em grupo foi pensada ao redor do diálogo e do cotidiano dos participantes, a partir da mediação de conhecimentos. Desta forma, o objetivo não era avaliar o resultado final do processo de criação, mas sim o próprio processo: entender como se deu, quais foram os questionamentos, memórias e ideias geradas; segundo Paulo Freire, “quando um artista abraça o diálogo e se propõe a criar um processo que envolve o compartilhamento do poder, isso pode reorientar o próprio processo” (FINKELPEARL, 2000, p. 283).

O diálogo, além de representar minha forma de ouvir ativamente o público e sua realidade, também permitiu que a arte fosse apresentada de forma acessível para gerar identificação e familiaridade. Ao propor a observação e discussão de arte, pretendi explorar seu potencial transformador e transmitir essas ideias aos participantes por meio da experiência de consciência visual, segundo Vergara:

“Se existe e possibilidade de se reintegrar a arte a uma dimensão de ação cultural, o que está sendo proposto é que esse caminho se abra pela experiência do olhar – um despertar e construção de consciência. A consciência do olhar.” (2018, 45)

Em meu dia a dia, estou cercada por pessoas inseridas no meio artístico - seja na Academia ou no trabalho como designer - que têm costume de visitar museus e se engajar em discussões sobre este

assunto. Porém, para a atividade deste projeto, o público ideal seria composto de pessoas que não estão nesse meio, não têm tanta intimidade com a arte ou que ainda se sentem afastadas social ou culturalmente desses conhecimentos. Segundo Ricardo Carpani, artista e teórico, as atividades de socialização devem ser integradas por pessoas sem experiência anterior de caráter plástico, pois:

“(...) aponta para a desmistificação da atividade criadora de imagens (a arte) como patrimônio exclusivo de indivíduos excepcionais especialmente dotados (os artistas) e ajuda a generalizar na experiência prática a convicção de que a possibilidade criativa artística é inerente a qualquer ser humano, pelo simples fato de ser um ser humano.” (apud PEIXOTO, 1982, p. 157)

Estas noções me impulsionaram a buscar participantes para a atividade em locais diversos e fora da minha zona de conforto. Decidi que, em vez de reunir um grupo por meio de convites, levaria a atividade até grupos existentes em escolas, projetos sociais e outros locais de convivência, com o objetivo de tornar a experiência a mais plural possível e, ao mesmo tempo, tornar o desenvolvimento pouco previsível para mim - embora existisse um roteiro a ser seguido. Uma vez que meu objetivo era o diálogo e o aprendizado por meio do processo, grupos heterogêneos seriam a melhor forma de atingi-lo; segundo Paulo Freire, “nós aprendemos, acima de tudo, ao confrontar diferenças.” (apud FINKELPEARL, 2000, p. 290).

A atividade, que chamei de “Arte do dia a dia” - um nome simples que passa a ideia central do projeto -, foi dividida em duas etapas: a primeira, do diálogo mediado com objetivo de conhecer os participantes, apresentar brevemente conceitos de arte contemporânea e artistas que utilizam o cotidiano como tema e parte integrante de

⁴ O roteiro completo da atividade "Arte do Dia a Dia" está disponível no Anexo 1"

suas obras. Esta etapa pretendia gerar questionamentos, associar vivências e memórias à arte e entender a proximidade desse tema do cotidiano individual. A segunda etapa envolveu a criação prática, orientada por propostas feitas por mim com temáticas cotidianas; as mesmas para todos os participantes, mas que produziram resultados muito diferentes⁴.

Logo, pode-se dizer que a atividade teve por bases o diálogo, o cotidiano e a representação e narração por meio do desenho, em vez da usual linguagem escrita. Todos estes conceitos agregaram o valor e a significância necessários para que a atividade trouxesse um processo de criação rico em conteúdo, aprendizado e experiência.

3.2.1. Cotidiano em foco

Uma obra sempre espelha o mundo do artista, seja ele o mundo real ou o seu imaginário e emoções. Ao observar a obra, o espectador é convidado, não apenas a ver pelos olhos do artista, mas também a entender o quanto essa visão pode aproximar-se da sua própria; como pode se sentir representado através dela, seja por identificar-se com o meio em que foi produzida, a época ou o contexto:

"Ao construir um objeto estético (uma obra de arte), o artista projeta nele tudo aquilo que percebe como próprio dos homens de sua época e lugar. Tudo aquilo que constitui o "sentir" dos homens (ou dos grupos de homens), que ele capta e exprime em formas."
(DUARTE JÚNIOR, 1994, p. 55)

Um dos principais motivos de identificação entre o público e a arte é a proximidade cultural ou social representada. Sentir-se pertencente ou encontrar-se em uma obra pode ser incentivo para estar próximo da produção artística. Por isso, usar traços, memórias e vivências cotidianas é uma forma simples de realcionar a arte com a expressão e o discurso próprios..

Ao propor o uso da arte em forma de desenho, por pessoas não habituadas a fazê-lo, surgiu a necessidade de trazer alguma familiaridade a este processo que o tornasse mais fácil do ponto de vista criativo. O cotidiano é algo comum, embora também único para todos - cada um tem sua rotina, afazeres, trabalhos, hobbies, manias, trajetos - logo, é algo que poderia ser explorado igualmente e ainda produzir resultados completamente diferentes uns dos outros.

Além da familiaridade com temas cotidianos, usá-lo como ponto de partida para as experiências com arte é fundamental no entendimento do mundo, no dia a dia de cada um. Comumente colocada como atividade de recreação ou de domínio restrito, usar o olhar artístico para enxergar situações corriqueiras de forma poética e subjetiva amplia a capacidade do olhar e do uso da criatividade para as atividades mais básicas.

A transformação no olhar pelo contato com a arte se dará pela experiência vivida, e essa experiência, ainda segundo Bondía, gera um saber que é diferente do científico, que mostra sua verdade fora do indivíduo:

"O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular"

de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo).” (BONDÍA, 2002, p. 27)

Pensando em representar o cotidiano, minha primeira ideia foi a produção de um “diário do cotidiano”: um suporte em forma de caderno que seria preenchido pelos participantes ao longo de uma semana, após um diálogo acerca das questões artísticas e da importância da arte no cotidiano. Embora nenhum objeto seja mais característico da narração diária, sua força como resultado de minha pesquisa não seria suficiente, visto que, após a primeira conversa com o público, eu não teria contato com o processo de criação e pensamento ao longo da produção; ao enxergar o processo como peça chave para minha pesquisa, a ideia de uma atividade que não me permitisse observá-lo foi abandonada.

Em um segundo momento, passei a pensar os objetos cotidianos e sua forma de representar a arte - questionamento surgido durante minha entrevista com Priscilla Souza, educadora do MAR, acerca das estratégias educativas do museu. Passei a integrá-los no processo de desenvolvimento da atividade, como forma de aproximar os participantes de criações contemporâneas, como as “Inserções em circuitos ideológicos”, de Cildo Meireles, os “ready-mades”, inventados por Duchamp que, posteriormente, integraram outros movimentos artísticos e as colagens de Kurt Schwitters, que se formavam de uma mistura de materiais comuns encontrados. Nestas obras, os objetos são usados de forma a questionar seu uso cotidiano e ressignificá-los como manifestação artística a partir de um conceito criado.

Logo, além da temática cotidiana abordada pela atividade, os objetos do dia a dia também foram inseridos como provocação: teriam



Figura 13.

Inserções em circuitos ideológicos, Cildo Meireles (1970)

Figura 14.

A Fonte, Marcel Duchamp (1917)

Figura 15.

Opened by Customs, Kurt Schwitters (1937)

de ser usados de alguma maneira na criação, juntamente com o desenho, seguindo as proposições feitas por mim durante um único dia de atividades, de forma a tornar possível minha observação durante todo o processo.

3.2.2. O desenho como forma de expressão

O incentivo ao desenho era um de meus maiores objetivos com a atividade. Tão natural quando crianças, o ato de desenhar gradualmente se desprende de nós com o desenvolvimento da linguagem escrita, até que, de súbito, um dia declaramos: “não sei desenhar”.

A imagem, como já descrita anteriormente neste estudo, é fundamental modo de expressão e transmissão de mensagens. Antes mesmo de nos comunicarmos por meio da escrita, utilizamos imagens para entender e compartilhar informações; se as “imagens são mediações entre homem e mundo.” (FLUSSER, 1985, p.7), criá-las significa expressar-se e entender profundamente o ambiente ao seu redor.

Durante uma aula de Análise da Imagem com a professora Dandara Dantas, no Curso de Comunicação Visual Design em 2018, fui apresentada a atividade “As Histórias da Mulher-Pássaro”, realizada no Museu Nacional do Rio de Janeiro; uma instalação lúdica onde os participantes escutavam uma fantasiosa narrativa e, depois, eram convidados a produzir imagens sobre ela. Os resultados mostraram que para as crianças era muito simples: estavam acostumadas a usar o desenho livremente para se expressarem; com os adultos, porém, era quase impossível

fazê-los desenhar; muitos recorriam às palavras escritas para descrever sua experiência; por fim, os jovens mostravam uma mistura de representações: desenhavam um pouco e escreviam notas complementares. O objetivo da atividade era justamente gerar essas discussões: por que deixamos de desenhar? Quais os potenciais criativos da imagem? Após narrar sua experiência, a professora Dandara aplicou a atividade em nossa turma e, embora todos ali estivessem inseridos em uma Escola de Belas Artes, ainda era possível observar resistência ao desenho livre; eu mesma tive dificuldades em não usar palavras.

Esta experiência me levou a pensar sobre a representação por meio de imagens e, durante a presente pesquisa, foi fundamental para a decisão de inserir o desenho na atividade Arte do Dia a Dia. Influenciados por uma visão realista e purista do ato de desenhar, somos levados a entender o desenho “correto” e “belo” como aquele que representa a realidade de forma mais precisa; Este senso comum, aliado ao pouco incentivo à produção artística para jovens e adultos, transforma um ato de expressão simples em algo visto como pertencente àqueles que nasceram com um dom. Questionar este estigma era parte fundamental de minha atividade desenvolvida no workshop.

O primeiro passo foi questionar o ideal realista do desenho: não existe o certo e errado ou o belo e feio; estas noções pré-estabelecidas por construções sociais deveriam ser abandonadas durante o processo de criação. Deveria ser evocado o desenho como meio mais simples de expressão, primário, como extensão de nossa visão. A definição e método usados por Ana Mae Barbosa exprimem meus objetivos:

"Desenhar é marcar uma superfície com um objeto pontudo. Isso pode ser feito de inúmeras maneiras, mas o principal está em como olhamos. Imaginem que seus olhos estão na sua mão que desenha, e vamos desenhar!" (apud COUTINHO, 2018, p.149)

A artista Inês de Araújo traz a seguinte definição ao dissertar sobre o ato de desenhar:

"Ação de esboçar, evocar, estranhar, formas, afetos, fronteiras, volumes, ritmos. Diálogo entre os sentidos ou relação de sentido. O traço súbito, tal risco, recorta, desvia, erra, murmura, reparte, encobre, percorre, marca, imprime uma ação e interrogação ativa sobre as figuras com as quais trabalha." (ARAUJO, 2007, p.19)

Figura 16.

Série Esboços,
Inês de Araújo
(2007)



Ao incorporar essa liberdade expressiva ao desenho, pretendíamos permitir que o indivíduo se entregasse ao processo criativo de forma exploratória, de descobertas e constatações, que foram responsáveis pela verdadeira experiência de aprendizado proposta pela atividade. Sobre esta experiência, Inês de Araújo diz:

"Fazer a experiência de uma prática marcada por rastros, repetições, acúmulos de erros, fragmentos, tentativas interrompidas, a experiência de um infinito ao contrário, das inúmeras coisas que não se consegue fazer, resume impasses encontrados, nos quais residem os aspectos mais produtivos de toda a experiência." (ARAUJO, 2007, p.18)

3.2.3. Os materiais escolhidos

Na etapa de preparação para a aplicação da atividade, a escolha dos materiais utilizados foi fundamental. Tomando o desenho como base, seria indispensável disponibilizar lápis e canetas coloridas para formar os traços; porém, estes são materiais comuns e, possivelmente, presentes no dia a dia dos participantes, mesmo que não para desenhar. Por isso, decidi levar tintas coloridas, para provocar mais experimentação e observar a reação das pessoas ao escolher que material usar.

Além dos materiais de desenho e pintura, os objetos do cotidiano que eu levaria, mencionados anteriormente, também foram escolhidos. Ao observar as obras de Andy Warhol e Cildo Meirelles, decidi levar embalagens de produtos comuns como refrigerantes e artigos de limpeza, para gerar identificação entre a atividade desenvolvida e o diálogo prévio. Além das embalagens, também foram

“O que importa não é o produto final obtido; não é a produção de boas obras de arte. Antes, a atenção deve recair sobre o processo de criação. O processo pelo qual o educando deve elaborar seus próprios sentidos em relação ao mundo à sua volta.” (DUARTE JUNIOR, 1994, p. 73)

3.4. A aplicação da oficina

A atividade “Arte do dia a dia” foi aplicada 3 vezes durante o mês de Setembro de 2019. Com o objetivo de alcançar o máximo de pessoas diferentes, entrei em contato com escolas, projetos sociais e amigos em busca de apoio e de pessoas dispostas a participarem da minha pesquisa. Essa busca resultou em três grupos com jovens, adultos e idosos de diferentes locais no estado do Rio de Janeiro.

O Instituto Estadual Governador Roberto Silveira, na cidade de Duque de Caxias, foi o primeiro local onde a atividade aconteceu. Tive contato com a turma de 1º ano da escola Normal: um grupo de 23 alunos entre 14 e 15 anos. Eu estava nervosa; não sabia o que esperar e me senti pequena em meio a tantos jovens dispostos a me ouvir.

O grupo de alunos do projeto Estudando Para Vencer, o segundo a participar da atividade, também era formado por adolescentes. Moradores da Vila Cruzeiro, no bairro da Penha, no Rio, mostraram realidades e cotidianos muito parecidos e, ao mesmo tempo, muito distintos daqueles de Duque de Caxias.

O último grupo a participar foi formado de adultos e idosos, que tive a alegria de conhecer através de minha amiga Clarissa Duarte.

A atividade aconteceu na casa de uma das participantes, Adriana, e mostrou resultados muito diferentes dos anteriores, vindos de jovens. Eu estava muito curiosa para entender como as propostas seriam aceitas por mentes mais maduras e nervosa em falar para pessoas mais velhas e sábias que eu.

3.4.1. Diálogos

No primeiro momento da atividade, o diálogo, percebi semelhanças entre os dois grupos formados por adolescentes: com ambos, a conversa inicial planejada por mim foi quase unilateral; enquanto eu apresentava aspectos da arte contemporânea e história da arte, eles preferiam ouvir, mesmo que eu tentasse incentivá-los a participar mais. Isso, porém, não foi um ponto negativo, e sim de reflexão: eles não participavam ativamente do diálogo pois aquelas informações eram novas para eles e seria muito mais interessante ouvir e aprender sobre elas; percebi uma carência no ensino e incentivo a arte, mesmo no caso do Instituto - onde os alunos têm aulas de artes - devido a marginalização desse conhecimento dentro dos currículos escolares. Para alguns participantes do projeto Estudando Para Vencer, a aula de artes não existe na escola desde a educação infantil.

A discussão sobre Arte Contemporânea e suas possibilidades tão livres encantou os grupos jovens, que passaram a se identificar mais com as produções. Após ver obras de artistas como Tia Lúcia e Elian Almeida e seus modos de desenhar, uma estudante do IEGRS tirou um desenho seu da mochila e disse aos colegas: “Aí gente, agora ninguém pode falar que eu não sei desenhar!”.

Ao falar sobre visitas em espaços de arte como museus e exposições, percebi um sentimento de não-pertencimento; a maioria dos participantes dizia nunca ter visitado um museu, principalmente pela distância geográfica, que também se relaciona com o pouco incentivo à essa atividade: sem condições de irem sozinhos, esperam que a escola exerça o papel de aproximá-los desses espaços de aprendizado, porém, a condição de políticas públicas para deslocar os alunos nem sempre é favorável: “Sempre quis ir [a um museu] mas nunca fui, não. A escola falou que ia levar a gente mas não levou”, foi a fala de Gabriel, estudante da Penha.

Com o grupo mais maduro, pude perceber maior liberdade e facilidade no diálogo inicial: eles conheciam muitos museus e espaços de arte - alguns por terem esse hábito desde jovens e outros por terem passado a passear mais na terceira idade - e tinham fortes opiniões e modos de enxergar as diferentes manifestações artísticas - “Eu não gosto de ver museu de coisa velha!” “Eu não entendo por que isso é arte...” e “É arte porque é a visão do artista!” foram alguns dos comentários que geraram discussões entre eles. Percebi que, diferentemente dos jovens, os participantes mais velhos não se sentem tímidos em mostrar opiniões e discutir, inclusive comigo, sobre as obras e artistas apresentados.

3.4.2. Criação

O desenvolvimento dos desenhos foi, sem dúvida, a parte mais surpreendente para mim. Tão inseguros no início, convictos de que “não sabiam desenhar”, os participantes abraçaram os exercícios propostos, o que gerou uma grande sensação de empoderamento em relação a arte.



Figura 18.

Desenho feito de olhos fechados pela participante Cláudia.

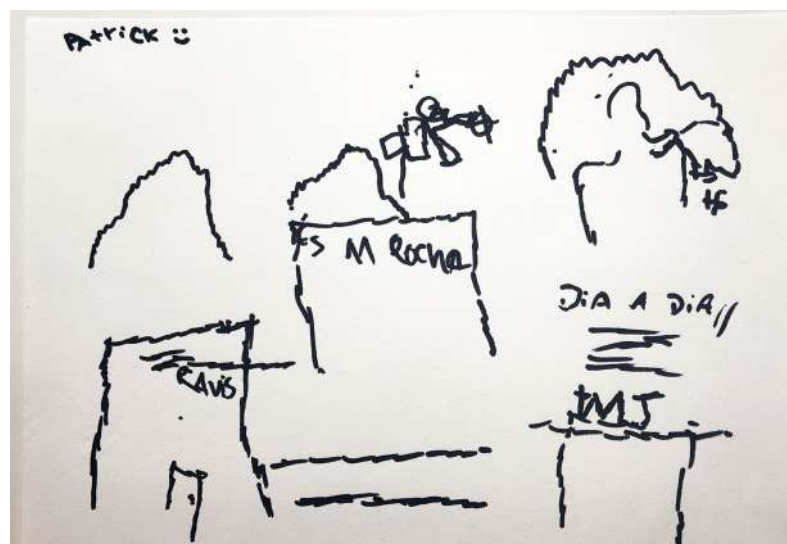


Figura 19.

Desenho feito de olhos fechados pelo participante Patrick.

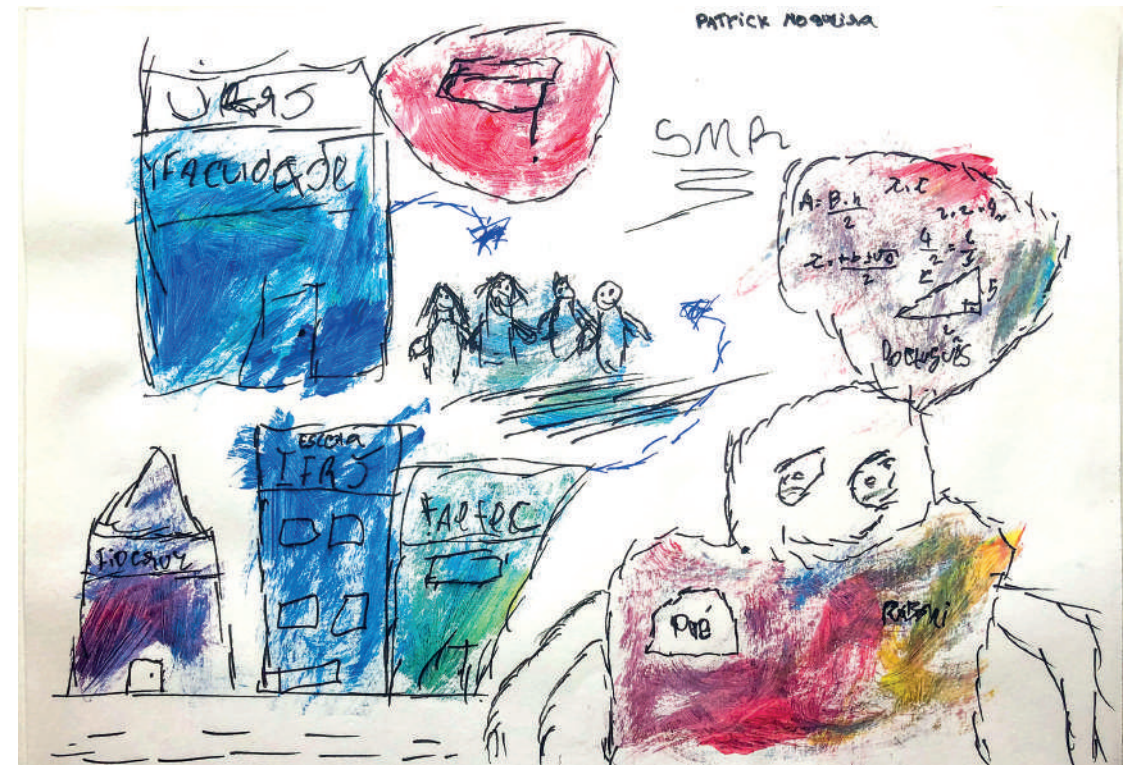
Figura 20.
Insuficiência,
Gabriel
Evangelista

Entre os jovens, mesmo aqueles mais tímidos se mostravam orgulhosos de suas produções e técnicas, também muito animados com o uso dos materiais diversos, nem sempre disponíveis em seu dia a dia. Ao desenhar de olhos fechados, eram inseguros e preocupados em “acertar” e não serem julgados pelos colegas. Porém, ao desenvolver o desenho livre sobre o cotidiano, abraçaram os materiais e passaram a se orgulhar de suas criações. Ambos grupos de adolescentes - IEGRS e Estudando para Vencer - lidavam com assuntos cotidianos comuns: o dia a dia escolar, os amigos, os primeiros amores, a família e suas inseguranças.

Figura 21.
*Nem Tudo é
o que Parece
Ser,* Beatriz.

Figura 22.
*Cotidiano de um
Favelado,* Gabriel.

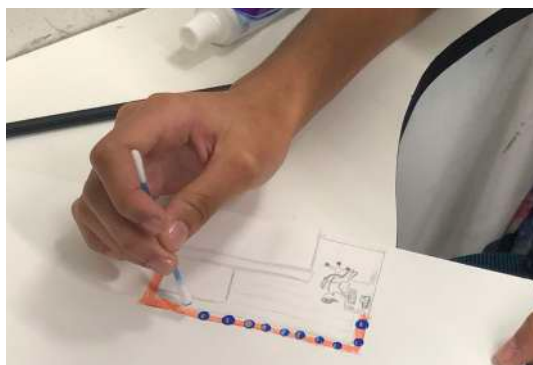
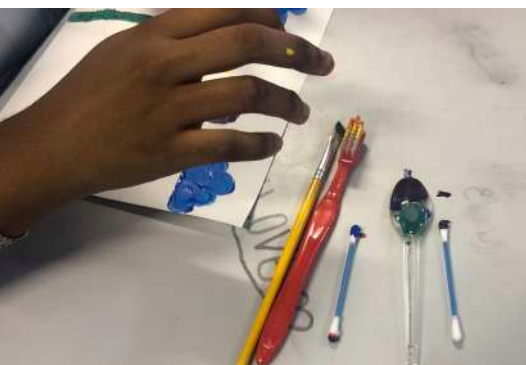
Embora a maioria tenha representado coisas simples, alguns realmente expressaram sentimentos e momentos significativos em suas obras, o que me surpreendeu e emocionou, por vê-los experimentando verdadeiramente a fala através do desenho: Gabriel mostrou seu dia a dia dividido: de um lado o caminho para a escola, do outro, a violência dos confrontos policiais na favela; Beatriz e Gabriel Evangelista desenharam seus sentimentos acerca do cotidiano que vivem; Patrick representou seus sonhos e objetivos na faculdade e vida profissional.



Figuras 24 à 29.

Participantes usando os objetos do cotidiano em suas obras.

Os objetos do cotidiano também geraram experiências interessantes: muitos participantes usaram as escovas e esponjas para pintar e gerar diferentes efeitos com as tintas; os objetos menores foram colados ou usados para auxiliar o desenho. Muitos participantes usaram os copos e pratos plásticos para misturar e compartilhar as cores de tintas, uma atitude que eu não esperava, mas que tornou os exercícios mais dinâmicos.



Embora o diálogo tenha fluído de forma mais dinâmica no grupo maduro, a atividade prática mostrou limitações e necessidade de incentivos maiores. A maioria dos participantes usou os materiais mais conhecidos - canetas e lápis - em vez de se aventurarem nas tintas, tão populares entre os mais jovens. Além disso, os objetos cotidianos também foram menos explorados como instrumentos de desenho e mais vistos como complementos a serem colados diretamente sobre as criações. Mesmo assim, os resultados mostraram tentativas de criar e representar detalhes das memórias cotidianas escolhidas por cada um - Cláudia representou a música que gosta de escutar em casa; Fátima, seus gatos de estimação e Marcos, seu dia a dia no trabalho.

Figuras 30 à 33.

Marcos, Adriana, Glória e Fátima realizando o exercício de desenho do dia a dia.



3.4.3. Conclusões após as atividades

⁵ Os relatórios completos de cada uma das atividades realizadas estão disponíveis nos Anexos 2, 3 e 4.

Tanto com jovens quanto com adultos e idosos, foi possível perceber o quanto a discussão da arte é importante e rica em conteúdo histórico e expressivo para qualquer público. Além disso, a força da arte como lugar de expressão, pertencimento e empoderamento, ficou muito clara: ao expressar seu cotidiano, cada participante disse algo que queria dizer de uma nova forma, e, mesmo que representando momentos simples ou comuns, os desenhos trouxeram detalhes e sentimentos próprios de cada um, tornando a arte sua e íntima⁵.

Ao final das atividades, entreguei a cada participante um “kit Arte do Dia a Dia”, com o objetivo de agradecê-los por participarem da minha pesquisa e incentivá-los a continuar os exercícios com arte - pois, para mim, as duas horas que passei com eles seriam só o início de suas descobertas e inserção nesse campo. O kit consistia em levar adiante minha primeira ideia com o Diário do Cotidiano: em um envelope, coloquei um caderno costurado por mim - com 32 páginas, para representar um mês de desenhos diários -, uma nota que lembrava os diálogos desenvolvidos durante a atividade e instruções para costurar seus próprios diários nos meses futuros. Além disso, o kit trazia também um poema de minha autoria intitulado “Todo Dia”⁶: uma forma de mostrar aos participantes minha visão sobre as poéticas cotidianas.

⁶ O poema “Todo Dia está disponível no Anexo 5.

Meu objetivo inicial era observar: ver o desenvolvimento da atividade e a interação entre público e arte. Este objetivo foi concluído com muito sucesso e me mostrou muitos aspectos da minha discussão que eu ainda desconhecia; o envolvimento de outras pessoas - principalmente diferentes de mim e de minha realidade - foi

fundamental para entender onde a arte pode atuar no cotidiano e como sua aproximação com o público gera resultados positivos e poderosos.

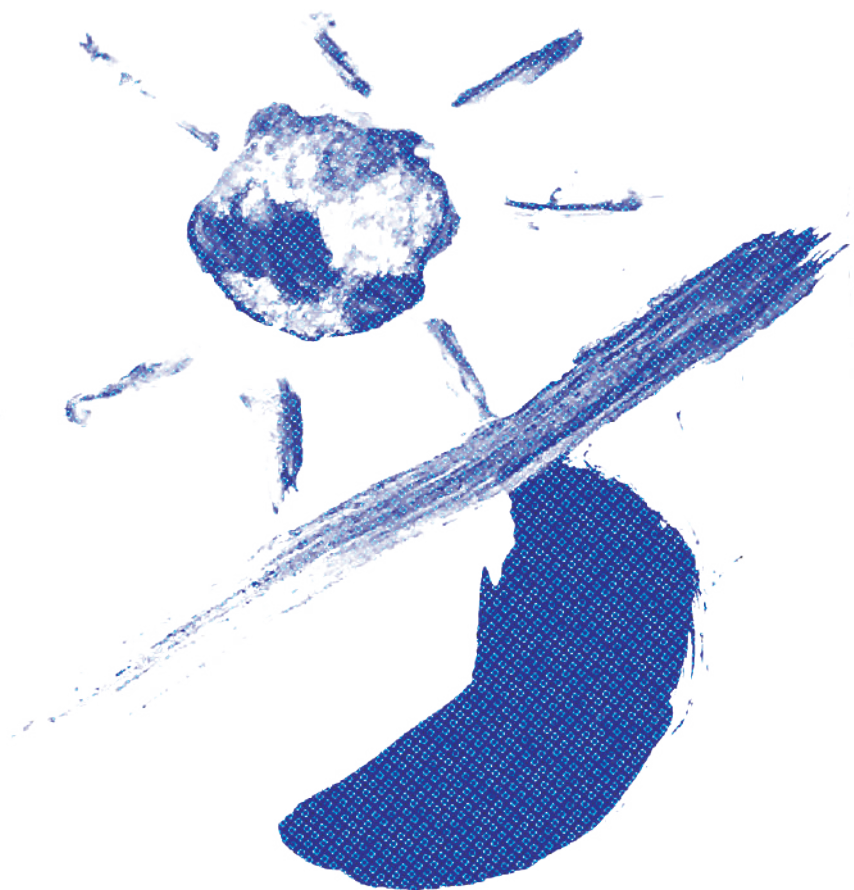


Figuras 34 à 36.

Kits “Arte do Dia a Dia”, contendo um diário costurado à mão, nota de instruções e poema “Todo Dia”.

parte 3

os resultados



Neste momento, reuni todo o conhecimento gerado pelas experiências práticas da atividade Arte do Dia a Dia para entender como transformá-lo em algo físico que transmitisse essas vivências para outras pessoas, de forma a continuar as reflexões acerca da socialização da arte. Para meu ensaio imagético, pretendia não apenas mostrar os resultados da atividade desenvolvida mas continuá-la: ampliar seu alcance e sua potência por meio de um objeto intrigante.

O objeto final, a caixa, é composta de diferentes objetos que transmitem as mensagens de socialização da arte, divulgam as obras produzidas pelos participantes e propagam conhecimento. Durante a criação desses elementos gráficos, consultei autores de referência como Ellen Lupton e Andrew Haslam.

Capítulo 4

Janela

A atividade Arte do Dia a Dia teve resultados inesperados e me trouxe reflexões e aprendizados que pretendia transportar para um objeto físico. Para isso, meu primeiro passo foi criar um mapa mostrando os principais objetivos da atividade realizada e os pontos de contato entre eles e as características de um objeto físico.

A escolha por um objeto físico foi natural: observei, durante as atividades e contato com as pessoas, como o sentido tátil é poderoso no momento do aprendizado e do exercício da criatividade. O diálogo, os toques no papel e materiais, a observação das imagens impressas: tudo isso causou interesse, curiosidade e alegria nos momentos de atividade prática - o que, na era da vida digital e da internet, mostra que as texturas e o contato real ainda têm muito valor em nosso desenvolvimento mental.

Em meio a tantas descobertas, observações e felicidades vividas durante as aplicações da Arte do Dia a Dia, pareceu-me pouco reduzir tudo isso a apenas um objeto, como um livro ou um painel. Desse transbordar surgiu a ideia de criar mais elementos, conectados e reunidos em um só ambiente, prático e móvel: a caixa.

Nomeada como “Janela”, o conjunto dos elementos criados para transportarem a Arte do Dia a Dia tornam-se meios de enxergar mais longe e expandir horizontes a partir do contato questionador e prático com a arte.

4.1. A caixa

A ideia do uso da caixa como forma de conter os elementos veio da obra “Boîte”, o Museu Portátil, de Marcel Duchamp, produzida em 1936. Ela consiste em diferentes caixas feitas pelo artista em edições limitadas, que contém representações de várias de suas obras. Por meio de estruturas desdobráveis, as obras vão sendo descobertas dentro da formação de madeira da caixa.

Figuras 37 à 39.

Boîte, série C,
Marcel Duchamp,
1936.





Duchamp já fazia parte de minha pesquisa: a obra “A Fonte” e os ready-mades foram apresentados durante a Arte do Dia a Dia para levantar questionamentos sobre arte e uso de objetos do cotidiano nas obras. Outros pontos de contato entre o pensamento do artista - conhecido como principal expoente do Dadaísmo - e a atividade que desenvolvi são seu senso questionador com muita ironia e humor, e a defesa do papel do espectador na criação de uma obra ao dizer que o artista não faz sua arte sozinho, pois depende da forma que ela será explorada por quem a vê.

A série “Boîte” mostra uma forma instigante e prática de aproximar qualquer público à arte - no caso, as obras de Duchamp. É facilmente transportável - nas primeiras versões, a caixa vinha dentro de uma maleta de mão - e, ao mesmo tempo, possui mecanismos internos que abrigam um grande número de obras e até pequenos modelos de esculturas.

Um grande número de ideias em um pequeno espaço. Desta observação, percebi que a obra de Duchamp poderia ser a base para criar uma forma portátil da atividade Arte no Dia a Dia: uma caixa, que chamei de “Janela”, capaz de carregar minha proposta, os questionamentos e resultados para um maior número de pessoas.

4.2. “Arte Por Que?”

Os diálogos foram parte fundamental do desenvolvimento da Arte do Dia a Dia: a discussão sobre arte, levantamento de questões, observação de obras e relações entre o cotidiano foram geradas a partir deles. Por isso, seria impossível levar a experiência da atividade para um objeto sem que existisse um elemento “gerador de perguntas”.

É desta forma, como um veículo de geração de questionamentos, que defino a publicação “Arte Por Que?”. Seu objetivo é induzir ao pensamento e reflexão acerca da arte por meio do diálogo entre mediador - o próprio texto - e leitor. Por meio dos questionamentos, o leitor não é simplesmente passivo durante a leitura, mas convidado a inserir suas respostas e a levantar novas questões.

Assim como ocorrido na atividade, não existem respostas certas; o texto foi escrito como forma de expor a discussão artística e fornecer apenas uma base histórica, como um guia, e não como único caminho de pensamento. Os tópicos discutidos durante a atividade foram transportados para o texto, inclusive com as novas ideias e questionamentos trazidos até mim pelos participantes.

O conteúdo foi dividido em três partes: a primeira, uma pequena introdução de questões básicas e breve exposição da Arte Contemporânea dentro do contexto histórico artístico - o primeiro passo para a imersão do leitor nas discussões. A segunda parte tem o objetivo despertar o olhar para a observação da arte - não como forma certa ou errada de fazer, mas como incentivo para fazê-lo. Neste momento, apresento algumas obras para gerar questionamentos sobre elas e seus artistas, assim como fiz durante a Arte

do Dia a Dia, agora com a adição de obras criadas durante as próprias atividades. A terceira parte tem o objetivo de mostrar como a arte pode caminhar junto ao ensino, aprendizado e expressão; um incentivo para usar as mãos, incluindo um anexo com instruções para fazer exercícios na prática. Ao fim, o livro não se conclui: o fim do texto incentiva o leitor a continuá-lo em seus pensamentos cotidianos.

O nome “Janela”, usado para definir o conjunto contido na caixa, vêm de uma metáfora construída na publicação e que permeia todo seu conteúdo:

“E aí está a maior questão sobre a relação da gente com a arte: quando foi que deixamos de abrir as janelas da arte, que representava nossas vivências e histórias na antiguidade, e passou a notá-la como uma parede - grande e imponente mas impossível de se enxergar através?” (Arte Por Que, p. 4)

4.3. A exposição itinerante

As obras produzidas durante a Arte do Dia a Dia são peças cheias de expressão, história e aprendizado - para os autores e para mim. Durante a produção dos desenhos, muitos se orgulhavam de sentirem-se artistas e chamavam seus desenhos de “obras de arte”; este sentimento de empoderamento, de tornar-se dono e criador de uma obra me surpreendeu de forma muito positiva e foi um dos momentos de maior alegria durante as atividades práticas.

Ao recolher os desenhos durante a atividade no curso Estudando para Vencer, Patrick, um dos estudantes, me disse “Cuida bem, tá?”

Isso aí é muito importante”. No momento de pensar como inseri-los no ensaio imagético, senti-me responsável por todas as histórias e sentimentos expressos por meio das obras. Em vez de simplesmente colocar os desenhos dentro da caixa, decidi honrar os artistas descobertos durante a atividade e criar uma exposição de arte dentro da caixa.

Para criar essa exposição, optei por um sistema de sanfona fixada na tampa da caixa, que poderia ser desdobrada ao abri-la. Com a caixa aberta, a sanfona pode se apoiar sobre a mesma mesa ou estrutura na qual se apoia a caixa, formando uma “exposição” das obras sobre ela, para serem vistas de frente pelo indivíduo que abre a caixa.

Na estrutura da sanfona, cada face é um envelope onde é colocada a reprodução da obra. A opção por não usar os originais veio da vontade de preservá-los, uma vez que muitos são delicados. Os envelopes, por sua vez, tornam a estrutura dinâmica: é possível alterar a ordem das obras e substituí-las por outras, num processo de curadoria da exposição.

4.4. Os kits

Originalmente entregues ao final das atividades práticas, os kits impulsionam a continuidade das observações e experimentos com arte pelos participantes. Incluí-los, também, na caixa, foi uma forma de proporcionar contato real com a atividade prática através do objeto, que, até então, possuía apenas incentivos teóricos. Uma vez que a caixa é uma representação da Arte do Dia a Dia, os Diários do Cotidiano não poderiam ser deixados de lado.

O conteúdo dos kits continuou o mesmo daquele distribuído durante as atividades aplicadas - o envelope com o diário costurado manualmente; a nota sobre os diálogos propostos e as instruções para confecção de novos diários; o poema "Todo Dia" - porém, neste momento, fiz a re-diagramação dos materiais do kit para seguirem a identidade visual proposta pelos outros elementos presentes na caixa.

A marca criada inicialmente para ilustrar e caracterizar a atividade foi mantida como forma de identificação entre a atividade prática desenvolvida por mim e sua nova fase em forma de objeto explorável. Por ser de formação simples e geométrica, a marca se adaptou às mudanças da nova identidade.

4.5 A construção

As definições projetuais de cada elemento da Janela seguiram diferentes formatos e modos de produzir mas sempre com foco na realização manual, experimental e de acordo com as ideias criadas durante a Arte do Dia a Dia.

Uma vez que a Janela pode ser reproduzida em maior escala para alcançar públicos maiores, o projeto de cada elemento também foi pensado para abordar este cenário.

4.5.1. A Caixa

Para a construção da caixa, o primeiro passo foi pensar em seu formato e planificação, que dependiam dos objetos que ela carregaria.

Após defini-los - a publicação, a exposição desdobrável e os kits da Arte do Dia a Dia - passei a pensar em como e onde eles estariam dispostos na caixa: a publicação e os kits poderiam estar apoiados no fundo, sobre berços, mas a exposição em sanfona seria fixada na tampa e se desdobraria apoiada sobre a mesma mesa ou estrutura em que se apoiasse a caixa. Por isso, era preciso pensar em um modelo de caixa que permitisse a abertura de forma que a tampa e essa mesa de apoio formassem um ângulo de 90°.

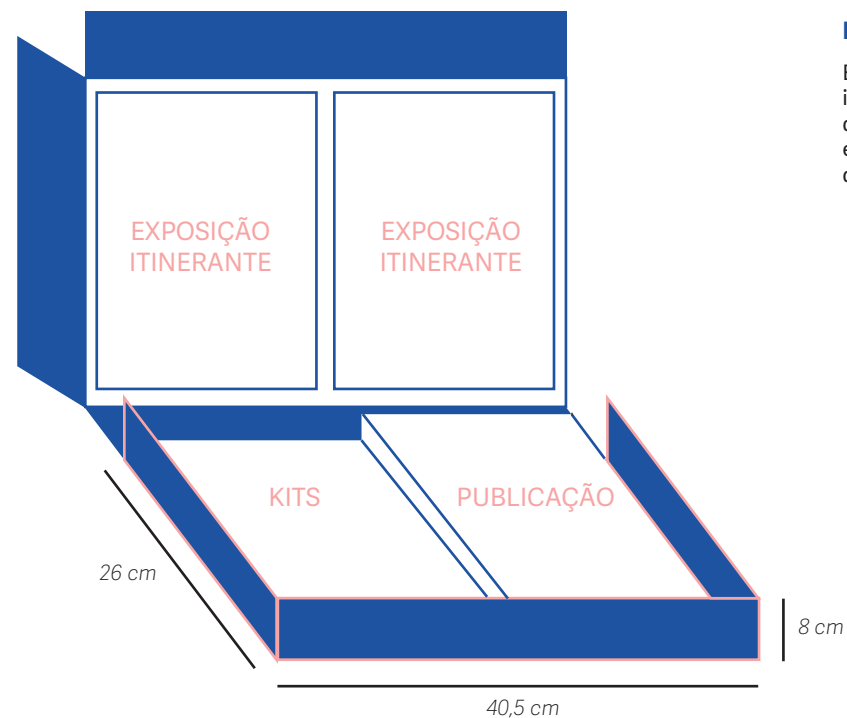


Figura 40.

Esquema ilustrativo da disposição dos elementos dentro da caixa "Janela".

Figuras 41 e 42.

Caixas montáveis em papel cartão e papelão encontradas no mercado, mas que não atendiam aos requisitos formais estabelecidos.

Além dos requisitos de formato, também delimito as medidas mínimas para que tudo coubesse de forma correta, respeitando os tamanhos já estabelecidos para a publicação e os kits. Após traçar estas limitações, realizei uma pesquisa de caixas disponíveis no mercado em busca de alguma que já atendesse meus requisitos ou que pudesse ser adaptada.

Encontrei caixas feitas de papel, papelão e madeira (MDF) em diferentes formatos e tamanhos, no entanto, nenhuma delas permitia que a tampa se apoiasse na mesa ao ser aberta; esse mecanismo não é comum. Cheguei à conclusão de que teria que confeccionar meu modelo manualmente com base nas caixas desmontáveis que coletei, fazendo as adaptações necessárias.



A planificação da caixa foi decidida a partir do mecanismo de abertura da tampa e da necessidade de ter uma boa sustentação geral. O material escolhido foi o papelão paraná, por ser forte e, ao mesmo tempo, flexível ao construir; além disso, em uma visão macro de produção em mercado, esse é o material com melhor custo benefício para caixas resistentes e de formatos diversos.

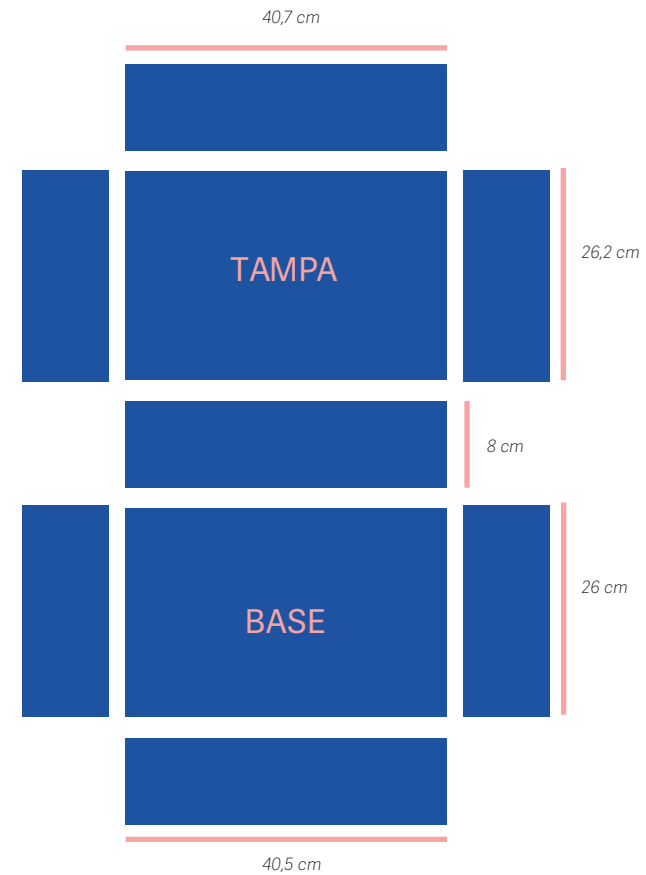


Figura 43.

Esquema ilustrativo da planificação da caixa a ser construída, com medidas.

Após planificar e definir as medidas e encaixes, construí um modelo em tamanho real para validar a construção e verificar se a sustentação era suficiente. Esse modelo mostrou que minhas medidas estavam corretas e a ideia geral da estrutura funcionou. Pude, então, construir a caixa final do projeto.

Figura 44.

Caixa teste aberta.

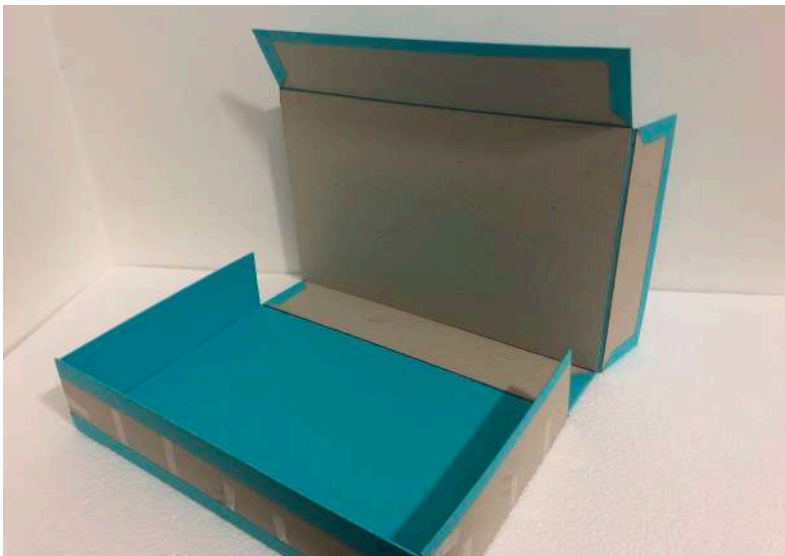


Figura 45.

Visão lateral da sustentação da tampa e angulação com a superfície.

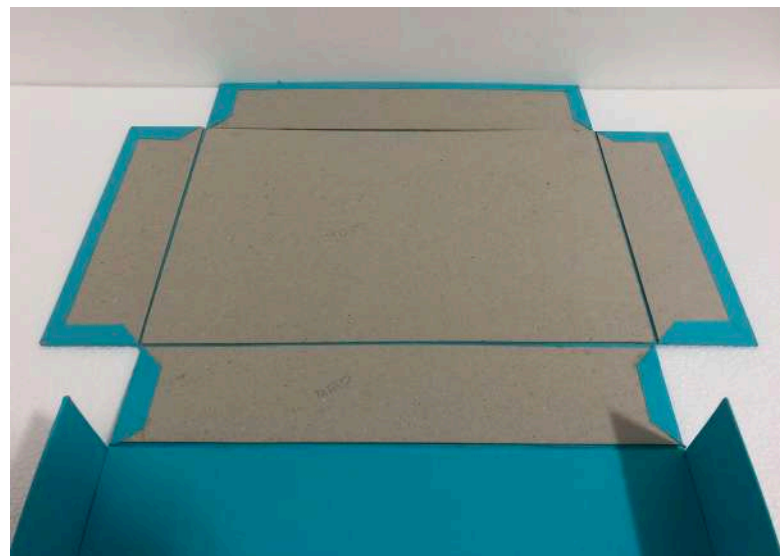
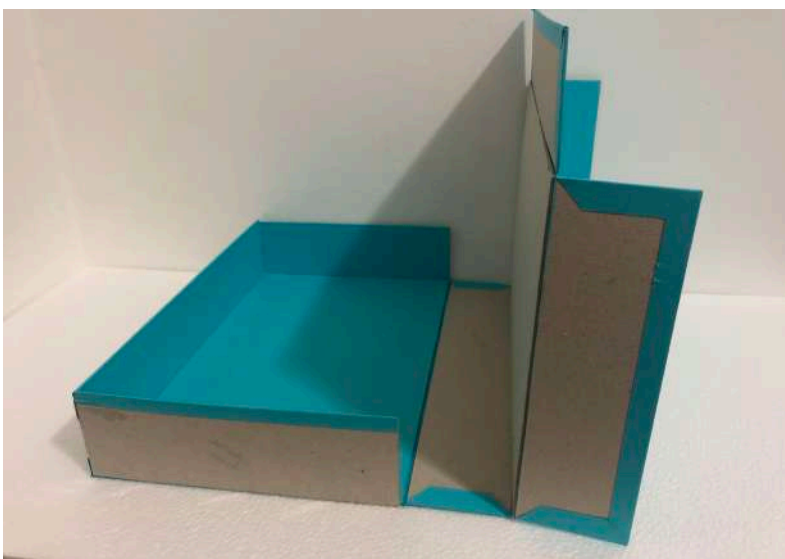
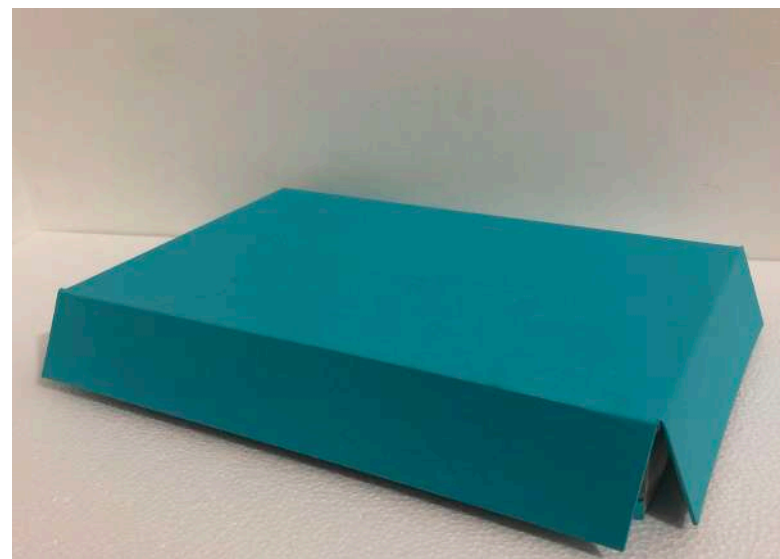


Figura 46.

Vista da parte superior (tampa) em planificação.

Figura 47.

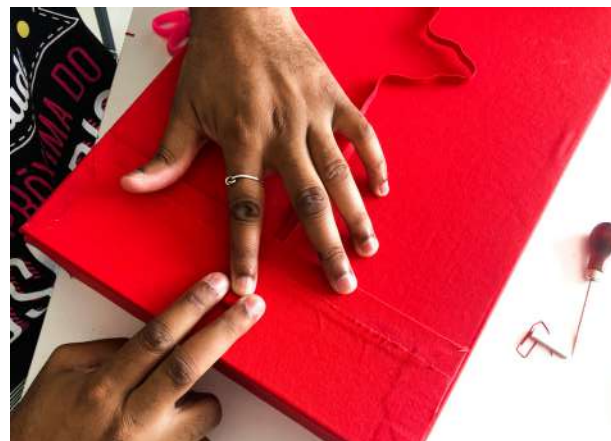
Caixa teste fechada, ainda sem os mecanismos de acabamento nas abas.



O modelo final teve acabamento externo em tecido 100% algodão e interno em papel metalizado cor nude. Para melhor sustentação e apresentação da publicação "Arte Por Que?", foi feito, também, um berço em papelão paraná.

Figura 48.

Processo de acabamento com o tecido.



Figuras 49 a 51.

Detalhes da colocação do elástico na tampa da caixa.

4.5.2. A publicação

Antes de iniciar o processo de criação da publicação, busquei referências visuais de diferentes fontes com foco em zines, publicações independentes feitas à mão e revistas de grandes tiragens com projetos gráficos inovadores. Meu objetivo era entender como diferentes meios de produção se comportam na produção de um material criativo.

Por ter caráter independente, a publicação poderia ter diferentes abordagens e ser muito mais livre na criação e uso dos materiais e elementos; ao mesmo tempo, busquei referências dentro do mercado editorial de grande distribuição para encontrar um equilíbrio entre essa liberdade e as limitações de uma produção em escala, para que o projeto pudesse ser pensado, também, como escalável no futuro.

O uso das cores e formas criativas foi minha principal fonte de inspiração para resultar em um livro com formatos de página e cadernos variáveis dentro da mesma encadernação e uma paleta de cores viva - inspirada no aspecto das obras produzidas pelos participantes durante as atividades.



Figuras 52 à 55.

Referências em universo visual usadas para desenvolvimento da publicação "Arte Por Que?".

A publicação se dividiu em dois cadernos: um maior, em formato retrato com tamanho fechado de 18 cm x 21,5 cm, e outro menor, também retrato, mas com tamanho fechado de 13 cm x 17 cm. Na encadernação, o caderno menor é costurado no meio do maior. A escolha de dividir o conteúdo em dois cadernos de tamanhos diferentes veio do próprio contexto: o caderno maior, em sua primeira parte, instiga a observar arte e levantar questionamentos, enquanto a segunda parte incentiva a usar esses questionamentos como ferramenta de aprendizado e expressão; no meio destes dois momentos, o caderno menor entra com o conteúdo voltado para um "exercício prático" de observação e discussão de obras apresentadas.

O processo de diagramação do livro começou pelo espelho, uma vez que precisava planejar a paginação para atender ao meu desejo de usar diferentes tamanhos e cores de papel nas páginas. No caderno maior, (externo), a página central possui largura menor que as outras para revelar o caderno interno e também para gerar a sensação de “camadas”, como uma imersão cada vez maior no conteúdo.

Após a definição do texto, a diagramação também teve grande relação com as ilustrações: tratei digitalmente fotografias das obras produzidas pelos participantes da Arte do Dia a Dia para que as texturas e formas ficassem evidentes e usei a aplicação de monocromia de forma a gerar uma unidade entre os desenhos escolhidos.

Para o caderno interno, a diagramação seguiu o fluxo de questionamentos gerados pelo conteúdo: cada página apresenta, na frente, uma obra e um convite à reflexão sobre ela; no verso, um pequeno texto de diálogo com e sobre a obra apresentada.

A tipografia e cores usadas pretendiam tornar o projeto gráfico expressivo, vivo; ao mesmo tempo, representar conforto e diálogo: um espaço confortável para fazer descobertas. Para o texto de ambos cadernos, usei o tipo Adelle Sans, sem serifa, elegante e de fácil leitura. Para gerar a atmosfera de conforto desejada, a fonte serifada Alverata foi utilizada nos títulos e momentos de destaque na publicação. Em contraste com ela, no caderno interno, momento de observação para o leitor, emprega-se a fonte Titling Gothic FB Extended: não serifada, forte e decisiva.

As cores da publicação - vermelho, rosa e azul - foram inspiradas nas cores usadas pelos participantes para criar suas obras: contrastantes e expressivas. O azul e vermelho, primários, são amenizados pela presença do rosa, que harmoniza os tons.



Janela Janela

Alverata Bold

Alverata Medium

ARTE POR QUE?

TITLING GOTHIC
FB EXTENDED
MEDIUM

Janela é uma caixa de ideias que pretendem aproximar a arte do dia a dia comum por meio do diálogo e prática.

Adelle Sans Regular



#2a4997 | C83 M96 Y0 K12



#f5abac | C0 M42 Y25 K0



#e94545 | C0 M86 Y71 K0

Figura 56.

Exemplo de obra tratada em monocromia para a publicação.

Espelho do caderno maior



O método de impressão escolhido foi o digital, para a impressão dos exemplares piloto. Em uma visão escalável do projeto, o método offset seria ideal pelo seu custo benefício de produção em grandes tiragens e possibilidade de usar os diferentes tamanhos e cores de papel.

4.5.3. A exposição itinerante

A construção da estrutura em forma de sanfona para a exposição das obras foi feita em papel tipo color plus, devido sua maior firmeza. O tamanho para cada face da estrutura foi definido em 19cm x 23cm, sendo a largura total do objeto suficiente para abrigar 10 obras lado a lado.

Para possibilitar o intercâmbio entre as obras, a sanfona foi feita a partir de envelopes com um corte retangular frontal, por onde se vê a obra colocada dentro.

Na caixa, existem duas estruturas de exposições itinerantes fixadas lado a lado na tampa; elas podem ser desdobradas apoiando-se sobre a mesma mesa ou estrutura na qual se apoia a Janela, quando aberta.



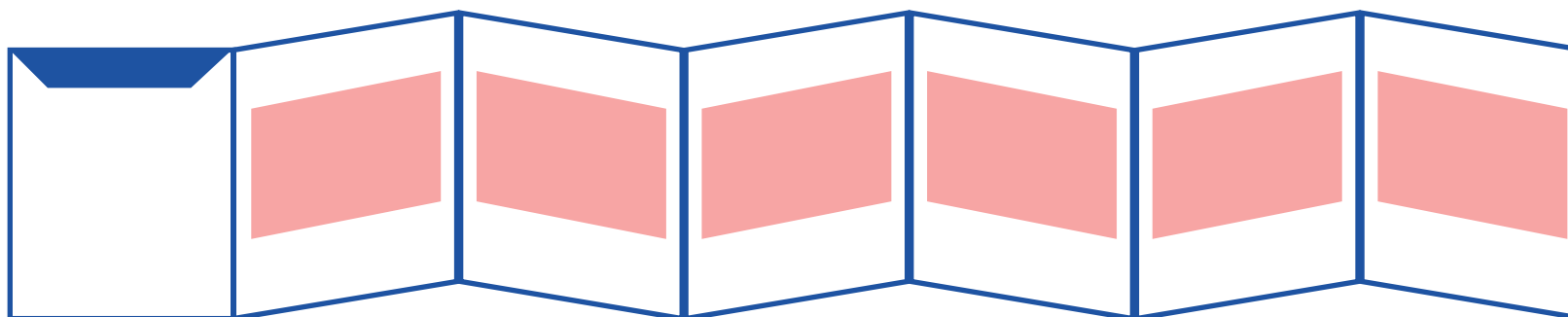
Figura 58.

Esquema de uma face da sanfona, que mostra a obra exibida e as medidas.

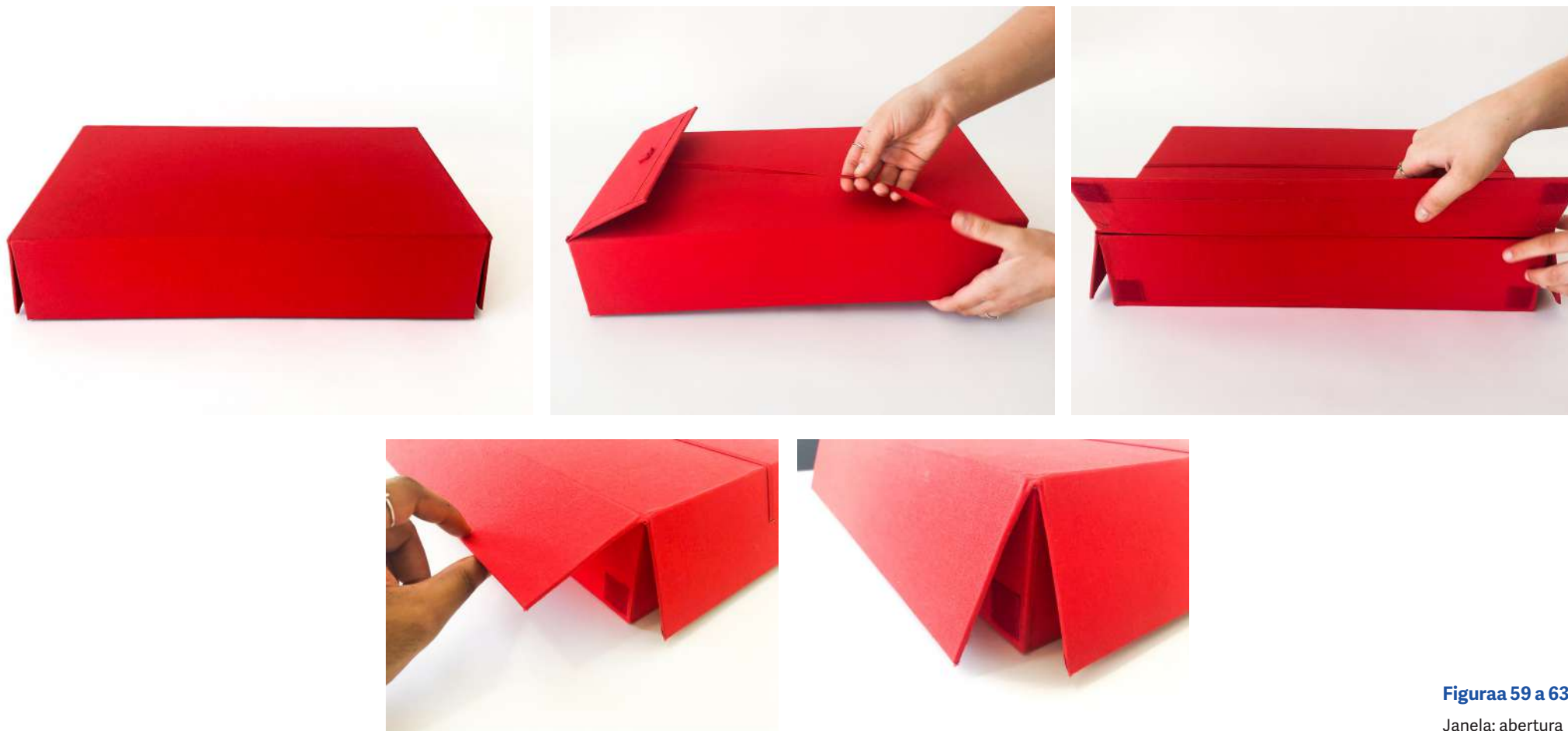
23 cm

19 cm

Figura 57.
Esquema ilustrado da sanfona aberta.



4.6. Resultado final: a Janela



Figuraa 59 a 63.

Janela: abertura da caixa e detalhes da tampa e fechamento.



Figuras 64 e 65.
Janela aberta.



Figuras 66 a 68.

Abertura da
exposição
itinerante.



Figuras 69 a 71.

Exposição itinerante aberta e detalhe do envelope.



Figura 72.
Estruturas
abertas.



Figuras 73 e 74.

Detalhe do berço
para a publicação
Arte Por Que?.



Figuras 75 e 76.

Detalhe da abertura da caixa com o uso do elástico para melhor sustentação.

Figura 77.

Detalhe da Exposição Itinerante.



Figuras 78 a 81.

O fechamento da Janela.



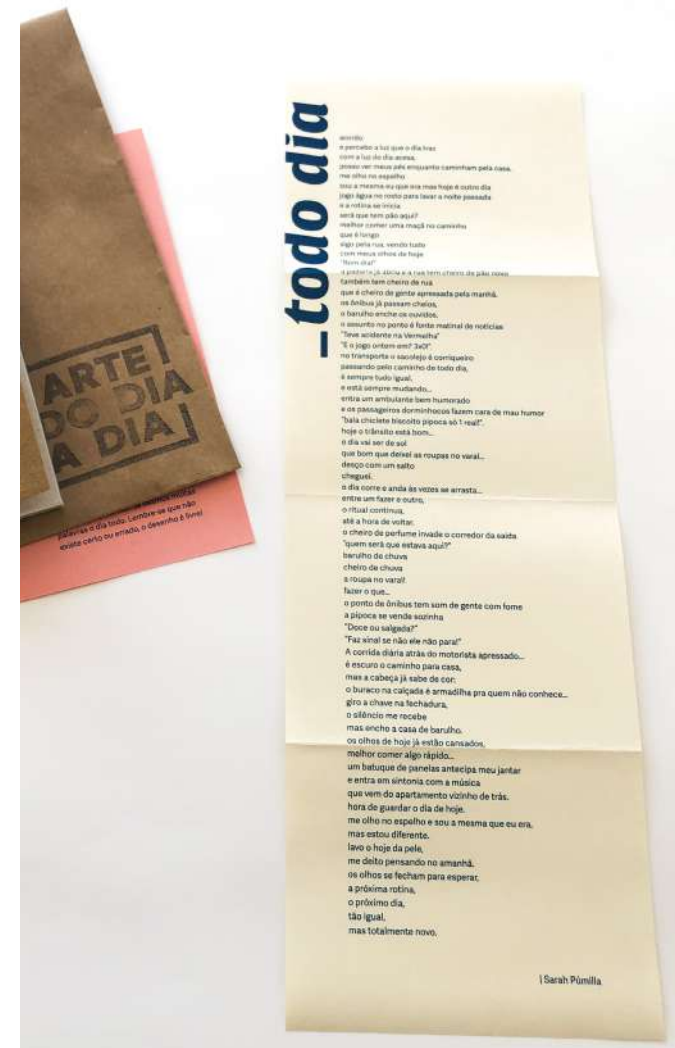
este é o seu
DIÁRIO DO
COTIDIANO

Muita coisa nos acontece todos os dias. As mesmas coisas de sempre podem ser olhadas de outra forma se usamos a arte - ela expressa nossos sentimentos, vivências e o mundo ao redor. Os objetos e experiências mais simples quase sempre passam despercebidos no cotidiano, então o objetivo deste caderno é PERCEBÊ-LOS. Este diário tem 31 páginas, o que representa um mês de anotações: um mês registrando fatos, observações, cheiros e sons do dia a dia por meio da arte. Use desenhos, linhas, formas e cores, mas tente não usar as palavras... já usamos muitas palavras o dia todo. Lembre-se que não existe certo ou errado, o desenho é livre!

continua...

Depois do primeiro mês, você precisará de um novo diário e aqui tem instruções para encadernar um igual a esse em casa!

1. Dobre as folhas ao meio. Na dobra, faça 3 furos: um no centro e dois com distâncias iguais à parte do centro.
2. Com um pedaço de linha, comece do dentro para fora, pelo furo do meio. Deixe um pedaço de linha solto.
3. Do furo do meio, passe para o de cima (de fora para dentro).
4. Do furo de cima, vá direto para o último de baixo, ignorando o do meio.
5. Volte a agulha para o lado de dentro pelo buraco do meio.
6. Tire a agulha e puxe as duas pontas, para dar firmeza à costura.
7. Por fim, amarre as pontas com um nó apertado e corte as sobras de linha.



- todo dia

estou
 e percorro a luz que o dia traça
 como a luz do dia amarela,
 preciso ver meus pés enquanto caminham pela casa,
 me sinto no equívoco
 não é mesmo eu que não sou hoje o centro da
 linha ligada no modo para lavar a noite passada
 e a noite ao invés
 será que tem algo aqui?
 melhor comer uma maçã no caminho
 que é longo
 algo pela rua, sendo tudo
 com meus olhos de hoje
 "Hum, ah!"
 a palavra "j" dá um "i" e um "m" cheiro de pão novo
 também tem cheiro de rua
 que é cheiro de gente apressada pela manhã,
 não fofoca já passou, cheito,
 o barulho enchendo os ouvidos,
 o assunto no ponto é fonte realista de notícias
 "Que acidente na Vemutal?"
 "E o jogo ontem será 3x0?"
 no transporte o sacolejo é contínuo
 passando pelo caminho de todo dia,
 é sempre tudo igual,
 e está sempre mudando...
 entra um ambulante bem husterado
 e os passageiros dorminhocos fazem cara de mau humor
 "Basta chiscate biscotto pipoca só 1 real!"
 hoje o trânsito está bom...
 o dia se vai de vez
 que bom que dei as roupas no varal...
 deixo com um salto
 chegado,
 o dia corre e anda às vezes se arrasta...
 entra um faxer e outro,
 o ritual continua,
 até a hora de sair:
 o cheiro de perfume invade o corredor da saída,
 "quem será que estava aqui?"
 barulho de chuva
 cheiro de chuva
 a roupa no varal
 fazer o que,
 o posto de ônibus tem som de gente com fome
 a pipoca se vende sozinho
 "Doce ou salgadão?"
 "Faz xim? se não ele não para!"
 A cortina do dia alta do motorista apressado...
 é escuro o caminho para casa,
 mas a cabeça já sabe de cor:
 o buraco na calçada e armadilha pra quem não conhece...
 giro a chave na fechadura,
 o silêncio me recebe
 mas acho a casa de barulho,
 os olhos de hoje já estão cansados,
 melhor comer algo rápido...
 um batique de panelas antecipa meu jantar
 e entra um síndico com a música
 que vem do apartamento vizinho de trás.
 hora de guardar o dia de hoje,
 me olho no espelho e sou a mesma que eu era,
 mas estou diferente,
 lavo o hoje da pele,
 me deito pensando no amanhã,
 os olhos se fecham para esperar
 a próxima rotina,
 o próximo dia,
 tão igual,
 mas totalmente novo,

| Sarah Púmilla

Figuras 83 e 84.

O Kit Arte do Dia a Dia, com detalhe para o poema Todo Dia.



Figuras 85 a 105.

A publicação Arte Por Que?.





Quando você está de frente para uma obra de arte, não se trata de apenas olhar. Trata-se de uma experiência que envolve o corpo, a mente e o coração. É uma forma de diálogo que acontece no momento em que você se conecta com a obra e se deixa levar por ela. É uma forma de escuta que acontece no momento em que você se deixa tocar pela obra e se deixa transformar por ela. É uma forma de amor que acontece no momento em que você se deixa amar pela obra e se deixa viver por ela.

**Entender arte é dialogar.
A mensagem do artista só é completa quando alguém
como você pensa sobre ela.
Observe mais. Questione
mais. Use suas mãos.
Escancare todas as janelas.**



É a forma de entender a arte que se trata de uma experiência que envolve o corpo, a mente e o coração. É uma forma de diálogo que acontece no momento em que você se conecta com a obra e se deixa levar por ela. É uma forma de escuta que acontece no momento em que você se deixa tocar pela obra e se deixa transformar por ela. É uma forma de amor que acontece no momento em que você se deixa amar pela obra e se deixa viver por ela.

OS QUESTIONAMENTOS DA ATIVIDADE ARTE DO DIA A DIA



Conclusão

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir de pontos e observações muito pessoais. Minhas vivências e experimentações me levaram a pensar além de meu conhecimento e buscar olhares diferentes do meu. Além de aprender sobre os temas que já me interessavam, pude mergulhar muito mais a fundo nas questões de desenvolvimento artístico junto à sociedade, que levarei para projetos futuros e para a continuidade deste.

Durante as pesquisas práticas junto ao público, aconteceram os maiores aprendizados. Ter contato com pessoas reais foi muito enriquecedor e ampliou o campo de visão de todo o projeto. Por meio das pessoas e suas vivências, pude visualizar como a arte ainda é negligenciada no Brasil - no ensino escolar, nas políticas públicas, nas discussões sociais - e como essa falta de incentivo se reflete na sociedade e em cada indivíduo, dentro de seu meio.

Por outro lado, também confirmei minha hipótese inicial: a arte na relação com o ensino é capaz de gerar expressão e empoderamento. Sua presença nos torna críticos, observadores, questionadores e criativos. A inserção dos diálogos artísticos em espaços de forma democrática é um caminho que leva a resultados positivos individuais e em grupo, em questões que vão desde o aprendizado formal até às desigualdades sociais.

Minha experiência com a atividade Arte do Dia a Dia mostrou-se rica em significados e resultados, levando-me a ter certeza de que ainda há muito a ser feito; as três aplicações foram apenas o início

de um projeto que pode tornar-se muito maior, poderoso e capaz de atingir maiores públicos.

Todo o projeto de pesquisa que embasou a atividade prática foi fundamental para o entendimento real das questões históricas envolvidas nas relações de arte e sociedade, além de apresentar conceitos de educação e mediação básicos para minha aproximação do público.

O ensaio gráfico me permitiu desenvolver diferentes tipos de pesquisa, experimentação e criação. Pude aplicar conhecimentos aprendidos durante a faculdade e em meus projetos gráficos pessoais; cada elemento desenvolvido apresentou desafios de projeto e execução que me deram a oportunidade de buscar materiais e técnicas ainda desconhecidas por mim. Acredito que, como um todo, o produto criado na forma de uma caixa-janela representa minhas paixões e aprendizados, além de carregar tão bem o ideal desta pesquisa e da atividade Arte do Dia a Dia.

Acredito que, ao desenvolver este projeto, dou os primeiros passos para algo que imagino ser muito maior. Ao aprender sobre arte e sociedade, novas inspirações e ideias surgem a cada momento, pois é um tema complexo e que abraça muitas pessoas e realidades. Desta forma, imagino que a Arte do Dia a Dia tenha capacidade de se expandir e levar o ideal da socialização da arte para mais longe, além de estar em constante mudança, agregando questionamentos, ideias e expressões.

Referências bibliográficas

AIDAR, Gabriela. Mediações Acessíveis: ciclo de encontros sobre acessibilidade em espaços de educação e cultura. IN: Ampliando o Acesso. Instituto Tomie Ohtake, 2018.

AMARAL, Aracy. Arte para quê?: a preocupação social na arte brasileira, 1930-1970: subsídios para uma história social da arte no Brasil - 2ª edição. São Paulo: Nobel, 1987.

ARAÚJO, Inês de. Reflexão sobre o desenho: linhas. Dissertação - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Arte, 2007.

BELTING, Hans. Semelhança e presença: a história da imagem antes da era da arte. Rio de Janeiro, [s.n.], 2010.

BONDÍA, Jorge L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, Universidade Estadual de Campinas: Departamento de Lingüística, 2002.

COUTINHO, Rejane; LIA, Camila. A mediação cultural pela perspectiva da arte/educação: comentários sobre uma experiência. 2018. Disponível em: http://congressomateria.fba.ul.pt/rede/2018_rede_02_14_Rejane.pdf Acesso em 13 de maio de 2019.

DANTO, Arthur C. Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história. São Paulo: Odysseus Editora/Edusp, 2006.

DARRAS, Bernard. Os valores da antiguidade ocidental são responsáveis pela crise que afeta a educação artística e o ensino da arte?. Revista PALÍNDROMO 1. 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/1103527/Darras_B._2009_Os_valores_da_Antiguidade_Ocidental_s%C3%A3o_respons%C3%A1veis_pela_crise_que_afeta_a_educac%C3%A7%C3%A3o_art%C3%ADstica_eo_ensino_de_arte. Acesso em 29 de agosto de 2019.

DUARTE JÚNIOR, João F. Por que arte-educação?. 7ª edição. Campinas: Papyrus, 1994.

FARTHING, Stephen. Tudo sobre arte. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

FINKELPEARL, Tom. Paulo Freire: Discussing Dialogue. IN: Dialogues in Public Art. Cambridge: MIT, 2000.

FLUSSER, Vilém. Filosofia da Caixa Preta: Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Editora Hucitec, 1985

HASLAM, Andrew. O livro e o designer II - Como criar e produzir livros. São Paulo: Edições Rosari, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Museus em números. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/museus_em_numeros_volume1.pdf Acesso em 31 de agosto de 2019.

LUPTON, Ellen. Pensar com tipos: guia para designers, escritores, editores e estudantes. 2ª revisão revista e ampliada. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MUSEU DE ARTE DO RIO. A pequena África e o Mar de Tia Lúcia: Homenagem a Maria de Lúcia dos Santos / Curadoria: Izabela Pucu e Bruna Camargos. Rio de Janeiro: Instituto Odeon, 2019.

PEIXOTO, Fernando. Org. Cuba 1981: encontro de intelectuais pela soberania dos povos de nossa América. São Paulo, Hucitec, 1982.

VERGARA, Luiz G. Curadoria educativa: percepção imaginativa/consciência do olhar in Agite Antes de usar. Deslocamentos educativos, sociais e artísticos na América Latina. São Paulo: Edições Sesc, 2018.

Entrevistas não publicadas:

SOUZA, Priscilla. Entrevista concedida a Sarah Púmilla. Rio de Janeiro, 21 de agosto, 2019.

Lista de Figuras

FIGURA 1. Pintura em Deir el-Bahari, complexo de sepulturas e templos mortuários (Luxor, Egito).	9
FIGURA 2. Pintura rupestre na caverna de Altamira, perto de Santillana del Mar, Cantábria, Espanha.	10
FIGURA 3. Mosaico bizantino de Maria em Hagia Sophia.	10
FIGURA 4. Solenidade da Santíssima Trindade, André Rublev (1410)	10
FIGURA 5. A Escola de Atenas, Sanzio, Rafael (1511).	11
FIGURA 6. A Estrada de Ferro Central do Brasil, Tarsila do Amaral (1924).	12
FIGURA 7. The Croquet Game, Édouard Manet (1873)	13
FIGURA 8. Brillo Soap Pads Box, Andy Warhol (1964)	13
FIGURA 9. Uma e Três Cadeiras, Joseph Kosuth (1965).	14
FIGURA 10. O Museu de Arte do Rio, na Praça Mauá, Rio de Janeiro. Foto por Mario Roberto Durán Ortiz.	19
FIGURA 11. Registro meu em frente à parede de entrada da exposição “Mulheres na Coleção MAR”.	20
FIGURA 12. Sem Título, Tia Lúcia. Foto: Daniella Paoliello.	21
FIGURA 13. Inserções em circuitos ideológicos, Cildo Meirelles (1970)	27
FIGURA 14. A Fonte, Marcel Duchamp (1917)	27
FIGURA 15. Opened by Customs, Kurt Schwitters (1937)	27
FIGURA 16. Série Esboços, Inês de Araújo (2007)	29
FIGURA 17. Registro dos materiais levados para a primeira atividade, do dia 12/09/19	30
FIGURA 18. Desenho feito de olhos fechados por Cláudia.	32
FIGURA 19. Desenho feito de olhos fechados por Patrick.	32
FIGURA 20. Insuficiência, obra feita por Gabriel Evangelista.	33
FIGURA 21. Nem Tudo é o que Parece Ser, obra feita por Beatriz.	33
FIGURA 22. Cotidiano de um Favelado, obra feita por Gabriel.	33
FIGURA 23. S.M.R, obra feita por Patrick.	33
FIGURA 24. Participantes usando os objetos em suas obras.	34
FIGURA 25. Participantes usando os objetos em suas obras.	34
FIGURA 26. Participantes usando os objetos em suas obras.	34
FIGURA 27. Participantes usando os objetos em suas obras.	34
FIGURA 28. Participantes usando os objetos em suas obras.	34
FIGURA 29. Participantes usando os objetos em suas obras.	34
FIGURA 30. Participante Márcio desenhando.	34
FIGURA 31. Participante Adriana desenhando.	34
FIGURA 32. Participante Glória desenhando.	34
FIGURA 33. Participante Fátima desenhando.	34
FIGURA 34. Envelope do Kit Arte do Dia a Dia.	35
FIGURA 35. Kit: diário do cotidiano, instruções e poema.	35
FIGURA 36. Em evidência: poema “Todo Dia”.	35
FIGURA 37. Boîte, série C, Marcel Duchamp, 1936. Foto: Julie Pires.	37
FIGURA 38. Boîte, série C, Marcel Duchamp, 1936. Foto: Julie Pires.	37
FIGURA 39. Boîte, série C, Marcel Duchamp, 1936. Foto: Julie Pires.	38
FIGURA 40. Esquema ilustrativo da disposição dos elementos dentro da caixa “Janela”.	40
FIGURA 41. Caixa de papelão encontrada no mercado.	41
FIGURA 42. Caixa de papel duplex encontrada no mercado.	41
FIGURA 43. Esquema ilustrativo da planificação da caixa a ser construída, com medidas.	41
FIGURA 44. Caixa teste aberta.	42
FIGURA 45. Visão lateral da sustentação da tampa	42
FIGURA 46. Vista da parte superior (tampa) em planificação.	42
FIGURA 47. Caixa teste fechada.	42
FIGURA 48. Processo de acabamento com o tecido.	43
FIGURA 49. Detalhes da colocação do elástico na tampa da caixa.	43
FIGURA 50. Detalhes da colocação do elástico na tampa da caixa.	43
FIGURA 51. Detalhes da colocação do elástico na tampa da caixa.	43
FIGURA 52. Referência Visual.	44
FIGURA 53. Referência Visual.	44
FIGURA 54. Referência Visual.	44
FIGURA 55. Referência Visual.	44

FIGURA 56. Exemplo de obra tratada em monocromia.	45	FIGURA 72. Estruturas abertas.	53
FIGURA 57. Esquema ilustrado da sanfona aberta.	48	FIGURA 73. Detalhe do berço para a publicação Arte Por Que?.	54
FIGURA 58. Esquema de uma face da sanfona, que mostra a obra exibida e as medidas.	48	FIGURA 74. Detalhe do berço para a publicação Arte Por Que?.	54
FIGURA 59. Abertura da caixa e detalhes da tampa e fechamento.	49	FIGURA 75. Detalhe da abertura da caixa com o uso do elástico para melhor sustentação.	55
FIGURA 60. Abertura da caixa e detalhes da tampa e fechamento.	49	FIGURA 76. Detalhe da abertura da caixa com o uso do elástico para melhor sustentação.	55
FIGURA 61. Abertura da caixa e detalhes da tampa e fechamento.	49	FIGURA 77. Detalhe da Exposição Itinerante.	55
FIGURA 62. Abertura da caixa e detalhes da tampa e fechamento.	49	FIGURA 78. O fechamento da Janela.	56
FIGURA 63. Abertura da caixa e detalhes da tampa e fechamento.	49	FIGURA 79. O fechamento da Janela.	56
FIGURA 64. Janela aberta.	50	FIGURA 80. O fechamento da Janela.	56
FIGURA 65. Janela aberta.	50	FIGURA 81. O fechamento da Janela.	56
FIGURA 66. Abertura da exposição itinerante.	51	FIGURA 82. O Kit Arte do Dia a Dia.	57
FIGURA 67. Abertura da exposição itinerante.	51	FIGURA 83. O Kit, com detalhe para o poema Todo Dia.	58
FIGURA 68. Abertura da exposição itinerante.	51	FIGURA 84. O Kit, com detalhe para o poema Todo Dia.	58
FIGURA 69. Exposição itinerante aberta e detalhe do envelope.	52	FIGURAS 85 A 105. A publicação Arte Por Que?.	59
FIGURA 70. Exposição itinerante aberta e detalhe do envelope.	52		
FIGURA 71. Exposição itinerante aberta e detalhe do envelope.	52		

Referências Iconográficas

FIGURA 1. Disponível em: https://www.infoescola.com/wp-content/uploads/2007/09/egito-pintura_86961187.jpg

FIGURA 2. Disponível em: <http://www.portaldarte.com.br/pinturarupestre.htm>

FIGURA 3. Disponível em: https://st2.depositphotos.com/4741067/7457/i/950/depositphotos_74570219-stock-photo-byzantine-mosaic-of-mary-in.jpg

FIGURA 4. Disponível em: <https://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/04/26/925799/conheca-santissima-trindade-andrei-rublev.html>

FIGURA 5. Disponível em: <http://warburg.chaa-unicamp.com.br/img/obras/athens.jpg>

FIGURA 6. Disponível em: <http://www.f2mvirtual.com.br/abca/n39/imgs/A%20Estrada%20de%20Ferro%20Central%20do%20Brasil%201924.jpg>

FIGURA 7. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/2/2c/%C3%89douard_Manet_-_The_Croquet_Game.jpg/800px-%C3%89douard_Manet_-_The_Croquet_Game.jpg

FIGURA 8. Disponível em: <https://www.warhol.org/lessons/brillo-is-it-art/>

FIGURA 9. Disponível em: https://agoraalternativa.files.wordpress.com/2015/05/2012_04_23_23_25_150.jpg?w=470

FIGURA 10. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pra%C3%A7a_Mau%C3%A1_11_2015_Rio_708.JPG

FIGURA 12. Disponível em: <http://revistacarbono.com/artigos/04carbono-entrevista-cildo-meireles/>

FIGURA 13. Disponível em: <https://arteref.com/arte-no-mundo/marcel-duchamp/>

FIGURA 14. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/artists/kurt-schwitters-1912>

FIGURA 15. Disponível em: <http://www.pap.art.br/artista/2793>

FIGURA 52. Disponível em: <https://www.behance.net/gallery/28001121/LIV-BCN-2015-press-pack?isa0=1>

FIGURA 53. Disponível em: <https://i.pinimg.com/564x/3a/4c/07/3a4c07287c80b8e45b520dcba788c5c.jpg>

FIGURA 54. Disponível em: <https://design.wiki.coffee/design/present-and-discover-creative-work-on-the-worlds-leading-online-platform-for-work-on-der-discover-leading/>

FIGURA 55. Disponível em: <https://www.behance.net/gallery/5399647/Wax-To-Brass>

Anexo 1

Arte do Dia a Dia: roteiro e exercícios

Esta atividade foi pensada e desenvolvida por Sarah Púmilla, aluna do Curso de Comunicação Visual - Design, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, orientada pela professora Julie Pires, como parte integrante de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O tema é a discussão acerca da acessibilidade à Arte Contemporânea e a importância da arte na vida cotidiana como forma de aprendizado e exercício do olhar.

Objetivos da atividade

Aproximar a vivência cotidiana dos participantes à produção e pensamento artísticos por meio do diálogo e produção visual, usando desenho e objetos do cotidiano para narrar histórias e memórias do dia a dia. Com isso, pretende-se que o participante mude sua forma de entender a arte, exercite sua imaginação e que passe a contemplar obras com outros olhos. Para mim como mediadora, o objetivo é observar o desenvolvimento das ideias, os conhecimentos e as dúvidas de todo o processo, tornando o resultado final uma consequência desta experiência.

Como acontece

A atividade é dividida em duas etapas: o diálogo e a produção.

Etapa 1: Diálogo mediador

Essa atividade não é uma aula de artes, mas um diálogo sobre arte

e vivências individuais. Então, para conhecer os participantes e seus pensamentos sobre a área, iniciaremos com um diálogo sobre questões para provocar reflexão acerca da presença da arte no cotidiano de todos nós. Além disso, levarei materiais e exemplos para conversar sobre a Arte Contemporânea e sobre artistas (cariocas e internacionais) que usam o cotidiano e os objetos do dia a dia como tema e, assim, transmitir conhecimento sobre a história da arte.

O objetivo desta etapa é ouvir os questionamentos e experiências dos participantes e dar-lhes uma pequena base teórica para refletir antes de introduzir a atividade de produção visual.

Etapa 2: Hora de criar!

A atividade “Arte do seu dia a dia” tem base no desenho livre e no uso de objetos cotidianos para criar obras visuais. Por isso, serão levados objetos comuns do cotidiano (escovas de dente, copos de plástico, tecidos, embalagens, garrafas pet) para serem usados durante a criação. Antes de iniciar a atividade, todos terão que reconhecê-los e se lembrar para que servem no dia a dia para, assim, poderem criar novos usos para eles.

As regras básicas para o início da atividade prática são:

- 1) Não é permitido usar linguagem escrita nas criações: apenas desenho, pintura ou outra forma de representação visual.
- 2) Para as criações, pelo menos 2 objetos do cotidiano terão que ser utilizados da forma que o participante preferir, para compor seu desenho.

Após a explicação dessas regras, todos receberão o mesmo suporte de papel para realizar as atividades que irei propor. Ao total, serão criadas três obras a partir do cotidiano:

Obra 1: Desenhar de olhos fechados

Fechar os olhos e prestar atenção aos sons e cheiros ao redor para criar uma forma de desenhá-los, sem olhar. O desenho é livre e, nesse caso, não serão usados os objetos do cotidiano, ainda. Depois, dar um título para seu desenho.

Obra 2: Desenho do cotidiano: trajetos

Criar um desenho baseado no seu trajeto cotidiano mais comum (de casa até o trabalho, de casa até o local da atividade, de casa até a casa de algum parente...) usando os objetos do cotidiano, além dos materiais de desenho. Usar os experimentos anteriores para lembrar de cheiros e sons comuns nesse trajeto; pensar em coisas boas e ruins que marcam o trajeto, mesmo que ele seja sempre o mesmo todos os dias. Depois, dar um título para seu desenho.

Obra 3: Desenho do cotidiano: memórias

Criar um último desenho, usando os objetos do cotidiano e os materiais de desenho, para expressar sentimento sobre um fato rotineiro. Pode ser algo que cause felicidade, irritação, tristeza ou diversão: um evento cotidiano que desperte esse sentimento. Primeiro, a cena será escolhida pelos participantes e narrada à turma para tornar o enunciado mais claro; caso nenhum participante queira dizer sua memória em voz alta, eu darei um exemplo de meu próprio cotidiano. Ao fim, dar um título para seu desenho.

Conclusões:

Ao final da atividade, todos poderão ver os trabalhos uns dos outros e dizer o que acharam da experiência e de seus próprios desafios ao criar.

Especificações da atividade:

Todos os materiais a serem utilizados (materiais de desenho, papéis e objetos cotidianos) serão levados por mim.

A duração da atividade é de 2h, podendo se estender por mais uma hora, de acordo com a disponibilidade do grupo e local de atividade.

A atividade foi pensada para públicos acima de 15 anos de idade, sem restrições.

A intenção é levar essa atividade para diferentes espaços: escolas, projetos sociais, grupos de diferentes idades e vivências para gerar resultados e observações diversas, além de disseminar o pensamento artístico para mais pessoas.

Anexo 2

Arte do Dia a Dia: Atividade do dia 12/09

No dia 12 de setembro de 2019, fiz a atividade no Instituto Estadual Governador Roberto Silveira, em Duque de Caxias, com a turma CN 1008, do 1º ano da escola Normal.

Vinte e cinco alunos participaram da atividade, que durou 1h30min. O tempo foi mais curto que o estipulado em meu planejamento (que era de 2h) e precisei fazer uma adaptação, que foi realizar apenas dois dos três exercícios planejados.

A atividade aconteceu no horário da aula de artes da turma, com a autorização da diretora da escola, Alba e da professora de artes, Glayne. Iniciamos as 7h da manhã com uma conversa sobre o contato deles com as artes visuais. Alguns disseram gostar mas nenhum deles disseram ter hábito de visitar museus e espaços de arte por vários motivos: distância física da cidade de Duque de Caxias (que não tem museus dedicados à arte visual), pouca identificação com os espaços, falta de incentivo a esse tipo de atividade...

Ao falar sobre arte contemporânea, se surpreenderam com as possibilidades de exploração de materiais e técnicas; percebi uma carência de conhecimento a respeito dos movimentos artísticos e tudo que eu falava os interessava muito e gerava grandes surpresas. Discutimos sobre o que eles consideravam ser “arte” e a maioria falou sobre obras famosas, como a Mona Lisa. Após mostrar obras que fogem dessa visão, como as formas de Mondrian e a Pop Art de Andy Warhol, eles se surpreenderam com as novas possibilidades.

Depois, apresentei alguns artistas cariocas e mais próximos da realidade comum, inclusive jovens como Mulambo e Elian Almeida. Nesse momento, uma aluna puxou um desenho da mochila e disse “Ai gente, agora ninguém vai poder falar que eu não sei desenhar!”, pois seus traços lembravam os estilos de Tia Lúcia e Elian, menos comprometidos com o realismo e livres no traçado.

Por fim, apresentei algumas obras e artistas que trabalham com os objetos do dia a dia em sua criação e ressignificam seus usos. Todos se interessaram pela subversão de Cildo Meirelles e ficaram intrigados com as Brillo Boxes de Warhol. Esse momento serviu para introduzir o tema da atividade prática, que eram as vivências cotidianas.

Em conclusão do diálogo, percebi que não geramos grande discussão pois os alunos carecem muito de informação sobre o assunto, então estavam mais interessados em me ouvir do que falar suas experiências - que não eram muitas. Isso fugiu às minhas expectativas e, ao mesmo tempo, me mostrou uma visão que eu não esperava em minhas pesquisas - de que, além da falta de incentivo prático nas artes visuais, o incentivo e diálogo teórico também são muito limitados, pois, mesmo que o espaço para o ensino de artes exista, ele é escasso em tempo e recursos, o que se deve a forma que a arte é inserida no programa de educação brasileiro, e não a uma falha da escola especificamente.

Ao iniciar a apresentação da atividade prática, muitos alunos notaram que eu havia levado o material e agradeceram, pois não é usual e normalmente eles teriam que comprar, o que não é possível para todos e esse é um dos motivos pelos quais as atividades práticas não são feitas com frequência nas aulas.

Ao saber que teriam que desenhar, sem poder escrever, ouvi muitos “Ah não, eu não sei desenhar...” e chamei atenção para essa frase, que era justamente o que eu queria que eles esquecessem. Reforcei que não era possível errar, que o objetivo era experimentar sua criatividade e os materiais, mas percebi bastante resistência quanto a isso e muito medo de ser julgado pelos colegas, algo comum para adolescentes de 14 e 15 anos.

Meu planejamento de propor o primeiro exercício de olhos fechados foi um sucesso: causou resistência e curiosidade, como eu esperava. Ao mesmo tempo, isso diminuiu a pressão do olhar dos colegas e tornou mais fácil que alguns se soltassem e traçassem livremente sobre o papel. Mesmo assim, muitos ainda se preocuparam com o “fazer certo” e o exercício me ajudou a notar essas pessoas e procurar incentivá-las mais, também no exercício a seguir.

Em razão do tempo, transformei os dois outros exercícios em apenas um, para ser feito em meia hora. Deixei livre a escolha dos materiais de desenho e chamei novamente a atenção para os materiais do cotidiano que levei. Estava muito curiosa para ver quais objetos seriam mais escolhidos e como seriam usados pelos alunos e as esponjas e escovas de dente logo sumiram da minha mesa, mas ao final os únicos objetos não escolhidos por ninguém foram as embalagens maiores. As tintas foram muito populares e eles logo usaram os próprios pratos levados por mim para fazer misturas de cores. Lápis e canetinhas praticamente não foram usadas e acredito que isso se deva ao fato de que as tintas são incomuns no seu dia a dia e muitos preferiram experimentar um novo material.

Mesmo que o primeiro exercício tenha mostrado muita resistência ao desenho, eles se animaram muito com os materiais e a provo-

cação dos objetos do dia a dia e logo queriam começar a desenhar, antes mesmo de eu fazer a proposição do tema - inclusive, mesmo aqueles que “não sabiam desenhar” logo já sabiam o que queriam fazer e se frustraram quando eu disse que iria propor o tema. Porém, depois de explicado o tema do cotidiano, a maioria criou com facilidade; muitos abraçaram as ideias abstratas e preferiram experimentar com os materiais, enquanto outros focaram em situações reais e pessoas (amigos, namorados) e fizeram representações. Os sentimentos comuns também foram tema de algumas criações.

Uma aluna teve bastante dificuldade em trabalhar o tema e tentei propor exemplos do meu dia a dia para trazer suas memórias. Outro aluno queria trocar de folha após “errar” o desenho, mas propus que ele tentasse trabalhar naquele mesmo desenho, reforçando que o erro não existe e ele deveria experimentar mais.

Muitos diziam ter “acabado” dentro de alguns minutos mas eu sempre provocava que continuassem e pensassem mais a fundo na coisa que estavam representando ou experimentassem mais nos materiais. Procurei incentivar a memória dos detalhes para que cada criação tivesse uma identidade única e pessoal de cada vivência.

As esponjas e escovas de dente foram muito usadas para pintar e experimentar com as cores, extrapolando o uso de pincéis. Algo que me chamou a atenção de forma muito positiva foi ver como a atmosfera mudou desde o início da atividade, quando muitos resistiram à ideia de desenhar, até o momento em que algumas alunas passaram a usar as mãos e braços para pintar e fazer impressões na página de forma totalmente espontânea.

Percebi, na maioria, orgulho do próprio trabalho, mesmo que abstrato ou difícil no início e um sentimento de pertencimento e surpresa perante sua própria criação. Durante a atividade, muitos comentavam sobre como estavam gostando de seus resultados sem o receio de serem julgados.

Ao final, me surpreendi com a quantidade de criações abstratas e não pictóricas que, ao mesmo tempo, representavam algum momento ou sentimento cotidiano; houve muita experimentação com os materiais e tentativas de criar de diferentes formas.

Uma frustração que tive foi de não ter tido tempo de ter uma última conversa sobre a atividade e saber mais sobre o que os alunos acharam, ter seus depoimentos. Porém, escutei comentários positivos e muitos participantes queriam tirar fotos com seus trabalhos e comigo, logo, foi possível perceber que a experiência foi positiva.

Entreguei os Kits de presente para cada participante e eles se animaram muito, principalmente com o passo a passo da encadernação manual, que muitos não conheciam. Senti uma reação muito positiva sobre minha proposta de experimentação no diário do cotidiano e entendi essa boa recepção como consequência, também,



Anexo 3

Arte do Dia a Dia: Atividade do dia 14/09

No dia 14/09 realizei a atividade no curso “Estudando Para Vencer” na comunidade de Vila Cruzeiro, Penha, no Rio de Janeiro. Os participantes eram estudantes de 9º ano, com idades entre 14, 15 e 16 anos. 23 alunos participaram da atividade que durou 2h; mesmo com o tempo ideal planejado para a atividade, decidi seguir o mesmo cronograma usado na primeira oficina, que reduzia para dois exercícios realizados em vez de três.

Começamos com o diálogo sobre arte e as experiências vividas pelos participantes. Alguns já visitaram museus diversos, mas apenas uma participante, Júlia, já visitara um museu de arte visual no Rio. Muitos conhecem museus por já terem ouvido falar e tem vontade de visitar, mas nunca foram pela dificuldade de deslocamento e falta de incentivos: “A escola falou que ia levar a gente mas aí não levou”, foi a fala do Gabriel, com a qual muitos concordaram e que me levou a ver como a falta de políticas públicas de incentivo à essas atividades influenciam no acesso de jovens moradores de comunidades.

Mesmo com a percepção dessa carência, mesma que observei na primeira realização da atividade, tive boas surpresas. Ao perguntar sobre o que vinha à mente ao pensar em arte visual, um dos alunos prontamente disse “Van Gogh!”, seguido por sinais de concordância dos colegas. Além desse momento, muitos identificaram as obras que levei ou reconheceram já terem-nas visto em algum lugar. Muitos deles não tinham contato com o ensino de arte nem nas escolas e, segundo alguns, as aulas de artes eram uma memória distante da pré-escola.

Assim como os estudantes do Instituto em Duque de Caxias, talvez até de forma mais acentuada, percebi a falta de informação e referências acerca da arte, que se deve a ausência das aulas obrigatórias e ao distanciamento social. Isso fez com que a atenção às minhas explicações e exposições sobre obras e movimentos artísticos fosse muito grande, inclusive gerando questionamentos e exclamações por parte deles. Também dessa vez não estabelecemos um grande diálogo, pois eles estavam muito mais interessados em me ouvir e aprender as novidades que eu trazia.

Ao entrarmos nos assuntos práticos, perguntei quem gostava de desenhar: prontamente duas alunas foram apontadas por “saberem como desenhar” e “ter paciência para desenhar”. Nesse momento falei que todos desenhariam, o que, como esperado, causou algumas reclamações e o popular “mas eu não sei desenhar!”.

A atividade de olhos fechados foi muito interessante. De início, muitos reclamaram dizendo que não conseguiriam desenhar, mas alguns logo se soltaram. Instruí que pensassem nas suas mãos como se fossem seus olhos, e imaginassem o que queriam desenhar. O participante Patrick foi um dos que mais se dedicou ao exercício: imaginou a si mesmo no campo de futebol, chutando a bola, e narrava sua imagem mental enquanto desenhava. Após abrir os olhos, viu o resultado de seu desenho e disse: “caraca, era exatamente assim que eu achei que estava!!”.

No exercício com os materiais do dia a dia, todos estavam animados para usar as tintas e os objetos incomuns - para a maioria, o último contato com materiais de arte fora nos tempos de pré-escola. As canetas coloridas e lápis também foram usados por alguns.

Pedi que pensassem em momentos cotidianos comuns, coisas que gostam, não gostam, pessoas do cotidiano. A maioria rapidamente pensou em cenas comuns, como o trajeto para a escola, suas casas, sua vizinhança. Apenas uma participante teve dificuldades em escolher um momento, então pedi que pensasse em momentos comuns dos quais gosta muito, ou que a deixassem feliz; utilizei os sentimentos como forma de provocá-los a pensar algo significativo e, ao mesmo tempo, comum.

Durante a atividade, muitos passaram a confiar mais em sua arte: embora comparassem seu trabalho ao das alunas que, segundo eles, “sabiam desenhar”, muitos olhavam suas criações e diziam “meu desenho tá muito melhor que o dela!”, já com um visível sinal de empoderamento e de reconhecimento de suas capacidades. Patrick, ao mostrar seu desenho para um professor que entrou na sala disse: “Olha aqui meu desenho, é arte!”. Nesses momentos, percebi que aqueles que foram tímidos no primeiro exercício se soltaram muito mais na segunda etapa e mostraram grande curiosidade em experimentar.

Após o fim da atividade, encorajei aqueles que quisessem falar sobre o seu desenho; mesmo que a maioria tenha retratado momentos comuns do cotidiano, todos carregavam histórias. A realidade da favela estava presente na maioria dos desenhos: bocas de fumo representadas ao lado de escolas, a realidade da violência policial em contraste com os trajetos do dia a dia, as dificuldades diárias de cada um. Todos usaram o desenho para falar sobre assuntos, muitas vezes naturalizados, que afetam seus cotidianos.

Percebi que a experiência foi bastante enriquecedora para eles: o uso do desenho como forma de expressão possibilitou contarem e falarem sobre coisas que não fariam de outras formas, o que surpreendeu até a professora do curso.



Anexo 4

Arte do Dia a Dia: Atividade do dia 29/09

Realizei a atividade com um grupo de adultos e idosos no dia 29 de setembro, ao qual tive acesso por meio da Clarissa Duarte, uma amiga em comum; foram 7 participantes entre 45 e 70 anos. A atividade teve 1h30min de duração.

Esperando que todos os convidados chegassem, pude conversar e me familiarizar mais com as participantes antes do início da atividade, o que percebi que deixou-as mais a vontade. Começamos com o diálogo inicial e minhas proposições e apresentações sobre arte contemporânea; ao serem perguntados sobre sua proximidade com a arte, muitos disseram ir regularmente a meus quando mais jovens, mas ainda se interessarem. Os estilos preferidos eram diversos, como no caso de Dona Adriana, que foi enfática: “Eu gosto de museu, mas odeio museu de coisa velha! Gosto de modernidade, do Museu do Amanhã... Não dessas exposições que falam de coisa que já passou.”.

Percebi neles mais liberdade para falar e questionar sobre a arte: quando mostrei obras de Mondrian, iniciou-se uma discussão: “Mas por que isso é arte??”, “Parece um armário com prateleiras!”, “Que isso, gente! É a visão do artista!”... Isso me mostrou que eles se sentiam próximos da discussão de arte o suficiente para questioná-la, o que me animou e incentivei-os a mostrar suas ideias.

Ao falar dos artistas cariocas, Dona Adriana trouxe a discussão sobre artistas de graffiti, que “pintam coisas lindas nos muros e o

povo não reconhece como arte, mas é”, que se referia a presença de artistas nos museus e como isso parece ser o que consolida algo como “arte verdadeira”. O conhecimento sobre artistas ainda vivos e que falam sobre o cotidiano foi algo novo para o grupo e senti que estavam realmente interessados.

Quando chegou a hora da atividade prática, houve relutância. Muitos diziam não saber desenhar, ou que costumavam fazê-lo quando jovens mas, agora, não mais. O primeiro exercício com os olhos fechados foi difícil para alguns, mas fluiu naturalmente para a maioria: não existia julgamentos das produções uns dos outros, o que tornou a criação mais livre e os resultados com traços soltos - tão soltos que alguns riscaram as mesas também.

Todos os participantes iniciaram sua criação com canetas pretas para fazer os contornos e linhas do desenho, para depois colorir - método “aprendido” na escola e ainda preso na memória. Reforcei a liberdade da criação e o desprendimento com erros ou falhas, para incentivá-los a se soltarem mais.

No momento de trabalhar com os objetos cotidianos, houve dificuldade. Todos eles tiveram que parar e pensar bem sobre qual objeto usar e como usá-lo, uma vez que eu disse que o uso era obrigatório. Optaram por colar os objetos na página de forma a representar linhas ou outros objetos na cena; poucos se interessaram por usar as tintas e pincéis e nenhum deles usou as esponjas para pintura.

Mesmo com as dificuldades de desenvolver o desenho, a conversa era livre e relembrou os momentos cotidianos que eram traçados no papel. A maioria deles desenhou suas casas e atividades domésticas de forma bem humorada e positiva, enquanto me con-

tavam sobre seus cotidianos: “Eu varro o quintal todos os dias de manhã, tem muita folha aqui!”, “Eu moro sozinha: eu, Deus e meus 15 gatos! Não... São 18!”, “Para representar meu cotidiano tinha que ter umas painéis aqui...”.

Ao fim da atividade, percebi que a maioria dos participantes tentou fazer um desenho livre, mesmo que usando formas previamente estabelecidas para objetos conhecidos. Pelo pouco contato com aqueles materiais de desenho no dia a dia comum, percebi um pouco de timidez e receio em ousar, o que levou ao grande uso de canetinhas e lápis de cor - mídias mais conhecidas por eles.

Mesmo com alguns resultados finais tímidos, o diálogo e ideias discutidas foram muito ricos. O contato com a arte e sua capacidade educativa também foi observado nessas conversas e reconhecido pelos participantes. Ao final, todos queriam me falar qual era sua arte, ou seja, em que atividade consideram-se artistas; Adriana logo trouxe para a mesa seus bordados em crochet e Fátima mostrou-me as unhas que pinta com excelência. Embora as artes visuais não fossem a forma de expressão mais comum no grupo, pude observar o empoderamento por meio de outros meios artísticos, o que, em minha visão, incentiva o consumo e interesse pela arte em geral e é muito positivo.



Anexo 5

Todo Dia

acordo
e percebo a luz que o dia traz
com a luz do dia acesa,
posso ver meus pés enquanto caminham pela casa.
me olho no espelho
sou a mesma eu que era mas hoje é outro dia
jogo água no rosto para lavar a noite passada
e a rotina se inicia
será que tem pão aqui?
melhor comer uma maçã no caminho
que é longo
sigo pela rua, vendo tudo
com meus olhos de hoje
“Bom dia!”
a padaria já abriu e a rua tem cheiro de pão novo
também tem cheiro de rua
que é cheiro de gente apressada pela manhã.
os ônibus já passam cheios,
o barulho enche os ouvidos,
o assunto no ponto é fonte matinal de notícias
“Teve acidente na Vermelha”
“E o jogo ontem em? 3x0!”.
no transporte o sacolejo é corriqueiro

passando pelo caminho de todo dia,
é sempre tudo igual,
e está sempre mudando...
entra um ambulante bem humorado
e os passageiros dorminhocos fazem cara de mau humor
“bala chiclete biscoito pipoca só 1 real!”.
hoje o trânsito está bom...
o dia vai ser de sol
que bom que deixei as roupas no varal...
desço com um salto
cheguei.
o dia corre e anda às vezes se arrasta...
entre um fazer e outro,
o ritual continua,
até a hora de voltar.
o cheiro de perfume invade o corredor da saída
“quem será que estava aqui?”
barulho de chuva
cheiro de chuva
a roupa no varal!
fazer o que...
o ponto de ônibus tem som de gente com fome
a pipoca se vende sozinha

"Doce ou salgada?"

"Faz sinal se não ele não para!"

A corrida diária atrás do motorista apressado...

ufa!

é escuro o caminho para casa,

mas a cabeça já sabe de cor:

o buraco na calçada é armadilha pra quem não conhece...

giro a chave na fechadura,

o silêncio me recebe

mas encho a casa de barulho.

os olhos de hoje já estão cansados,

melhor comer algo rápido...

um batuque de panelas antecipa meu jantar

e entra em sintonia com a música

que vem do apartamento vizinho de trás.

hora de guardar o dia de hoje.

me olho no espelho e sou a mesma que eu era,

mas estou diferente.

lavo o hoje da pele,

me deito pensando no amanhã.

os olhos se fecham para esperar,

a próxima rotina,

o próximo dia,

tão igual,

mas totalmente novo.

todo dia

acordo
e percebo a luz que o dia traz
com a luz do dia acesa,
posso ver meus pés enquanto caminham pela casa,
me olho no espelho
sou a mesma eu que era mas hoje é outro dia
jogo água no rosto para lavar a noite passada
e a rotina se inicia
será que tem pão aqui?
melhor comer uma maçã no caminho
que é longo
sigo pela rua, vendo tudo
com meus olhos de hoje
"Bom dia!"

a padaria já abriu e a rua tem cheiro de pão novo
também tem cheiro de rua
que é cheiro de gente apressada pela manhã,
os ônibus já passam cheios,
o barulho enche os ouvidos,
o assunto no ponto é fonte matinal de notícias
"Teve acidente na Vermelha"
"E o jogo ontem em? 3x0!"
no transporte o sacolejo é corriqueiro
passando pelo caminho de todo dia,
é sempre tudo igual,
e está sempre mudando...
entra um ambulante bem humorado
e os passageiros dorminhocos fazem cara de mau humor
"bala chiclete biscoito pipoca só 1 real!"
hoje o trânsito está bom...
o dia vai ser de sol
que bom que deixei as roupas no varal...
desço com um salto
cheguei.

o dia corre e anda às vezes se arrasta...
entre um fazer e outro,
o ritual continua,
até a hora de voltar.
o cheiro de perfume invade o corredor da saída
"quem será que estava aqui?"
barulho de chuva
cheiro de chuva
a roupa no varal!
fazer o que...

o ponto de ônibus tem som de gente com fome
a pipoca se vende sozinha
"Doce ou salgada?"
"Faz sinal se não ele não para!"
A corrida diária atrás do motorista apressado...
é escuro o caminho para casa,
mas a cabeça já sabe de cor:

o buraco na calçada é armadilha pra quem não conhece...
giro a chave na fechadura,
o silêncio me recebe
mas encho a casa de barulho.
os olhos de hoje já estão cansados,
melhor comer algo rápido...

um batuque de panelas antecipa meu jantar
e entra em sintonia com a música
que vem do apartamento vizinho de trás.
hora de guardar o dia de hoje.
me olho no espelho e sou a mesma que eu era,
mas estou diferente.
lavo o hoje da pele,
me deito pensando no amanhã.

... já os amos muitas
do. Lembre-se que não
errado, o desenho é livre!